Mundo ESPORTIVO

ANO VI — São Paulo, Terça-feira, 17 de Junho de 1952 — NUM. 356

Você foi ao jogo de anteontem?

Se foi, não custa olhar se o nosso fotografo o apanhou no Pacaembu. Um dos nossos leitores foi premiado com 200 cruzeiros. Quem sabe é você.



GRANDE PARTIDA!

Ainda é cedo para se lançar a hipotese de uma Portuguesa campeã no Rio-São Paulo. Mas é evidente que a partir de ontem as possibilidades deste prestigioso clube bandeirante aumentaram consideravelmente em relação áquele titulo. O Vasco, quando lançou a ideia do primeiro encontro ser disputado no Pacaembú, contava, certamente, com o fato de estar, ultimamente, produzindo mais em São Paulo do que no Rio. Relembra-se, a proposito, o triunfo obtido sobre o tricolor paulista, por 3 a 2, no Pacaembú, ocasião em que, virtualmente, garantiu sua brilhante classificação no epilogo do torneio. Não fôra aquele surpreendente e inesperado feito, e os vascainos jamais teriam chegado onde chegaram, conquistando o primeiro lugar empatados com os lusos. E foi confiado na sua boa estreia, novamente, que o poderoso clube carioca veio a nossa Capital tentar uma nova vitoria.



Mas se enganou, desta vez, porque os jogadores locais já estavam prevenidos contra toda e qualquer surpresa da partida. Tanto assim que devolveram com incrivel rapidez todos os golpes do antagonista, esfriando sua vontade de reação, cortando pela cabeça qualquer esboço de dominio que os vascainos intentaram.

O Vasco, mais uma vez, revelou as primarias virtudes que todos admiram na sua formidavel equipe. Eis, sem favor, um dos mais fortes esquadrões do futebol brasileiro. Poucas são as falhas que apresenta. A zaga, por exemplo, em que pese o bom indice de Belini no trabalho destrutivo, deixa a desejar. Este zagueiro, vindo recentemente do interior, muito bom na obstrução, tem grave defeito: não entrega uma bola sequer. Tivemos a paciencia de contar os seus despachos errados. Foram todos atingir o adversario, armando na frente, outra vez, a linha da Portuguesa. Outro elemento falho no conjunto vascaino foi o extrema esquerda. Completamente nulo. No mais, é um quadro de grande recursos, dos melhores que se exibem no futebol nacional, para honra e jubilo de quantos gostam do bom "association".

Tal fato, de resto, só representa um belo elogio para a Portuguesa de Desportos. Se o Vasco foi grande, esta foi muito maior. Predominou, na maioria dos momentos, exercendo sobre o duro contendor ação de continuo martelamento.

Trabalharam os lusos, logo nos primeiros instantes, com a rapidez e habilidade que a batalha exigia, para logo mais, cairem um pouco, permitindo ao adversario leve reação. Logo, porem, encetaram nova arrancada e assim o fizeram sempre que o Vasco levantou a cabeça.

Grande triunfo luso. Parece fora de duvida que seu magnifico conjunto está catalogado como o melhor de São Paulo. Se render sempre assim, com segurança e equilibrio nas linhas, dificilmente perderá e todas as vezes que tal coisa acontecer o adversario terá feito esforços quase sobre-humanos para derrota-lo.

Outro aspecto notavel deste espetaculo esteve na beleza e apuro do padrão posto em pratica por ambos os contendores. Ainda que os lusos tivessem jogado melhor, é certo que os visitantes tambem se esmeraram na feitura de um grande futebol, oferecendo ao publico belissima amostra de seu estilo. Nem o mau tempo conseguiu arrefecer o entusiasmo dos jogadores, que se desdobraram em muitas e bem sucedidas tentativas de coordenação de otimos lances.

Uma bela tarde esportiva, que só não foi ainda mais bonita porque a chuva conspirou largamente contra sua imponencia.

CONFISSÕES DA BOLA

Ela invadiu nosso recinto de trabalho, cumprimentou o chefe maior e os escribas e sorriu gostosamente para a taquigrafa. Em seguida, sentada na poltrona de veludo cor de macaco, disse:

— "Tudo pode acontecer num jogo de futebol. Você dá risada, mas é verdade. Viu o jogo de domingo? Não viu? Deveria ter ido ver. Imagine voce que chegaram a me chamar de avestruz. Que culpa eu tenho se o Muca gosta de fazer visagem? Maneca atirou-me contra ele. Eu ia devagar, dente ao solo. Pois bem, o "gostosão" achou que poderia esperar mais e esperou. Quando ele foi, eu já tinha ido. Então, a turma que não entende essas coisas, ao invés de chamar o goleiro pelo nome do animal que puxa carroças, achou que eu deixara de ser frango ou perú para ser avestruz, tão grande a burrada do goleiro. Bem, mas essa não é a maior. A maior do jogo foi o Vasco ter, pelas tantas da luta, uma duzia de homens em campo, isso sem contar com o soprador da latinha, que, assim, a meu ver, provou mais uma vez que está necessitando e muito de fazer uma visita a um oculista. Tudo passava em brancas nuvens debaixo das nuvens negras que toldavam o Pacaembu. E passou tambem a entrada em campo de Edmur. O fulano entrou e não saiu aquele a quem ele deveria substituir. Foi um chuá. E tem mais, velhinho! Você deveria ter visto o duelo de ponta-pés entre Renato e Friaça. Pelas tantas, quando eles estavam mais quentes, apesar da chuva que caia, o Filé meteu o pé no Perú. Meteu botina com contade. Então, o bonitinho, largou um cruzado de direita que se pega o alvo manda o sujeito para o hospital. Nessa altura, o juiz só tinha uma coisa a fazer, ou seja mandar aplicar em ambos uma ducha fria. No entanto, ele, como se fosse o cara mais ingenuo do mundo, reuniu os dois e mais dois interpretes e fez um discurso, depois do qual o programa extra terminou. Findo o jogo, os dois, abraçados, dialogavam: "Você não devia ter feito aquilo", dizia um. O outro, respondeu: "Tambem voce não devia ter dito o que voce disse e nem tomado as dores do Cobrinha. O negocio era com ele, porque o cara, que parece um santinho, é de amargar". Felizmente, tudo acabou bem. Vamos ver o que vai acontecer no Maracanã, principalmente se apitar o mesmo juiz... GOOD BYE!".

●

Correspondencia

Ao meu amigo Jim Lopes — Durante a luta de domingo eu vi, poucas vezes, a Portuguesa de Desportos no seu melhor jogo. Poderei dizer que por mais da metade da contenda, a sua equipe não produziu normalmente. O inicio da luta foi grande, imponente mesmo, permitindo que se antevesse seu exito absoluto numa goleada tremenda contra o poderoso adversario. No entanto, o ritmo de produção não foi mantido e isso não porque o Vasco da Gama jogasse uma enormidade, mas porque seu quadro, congestionando-se na ofensiva e não muito firme na retaguarda, permitiu que os cariocas crescessem e chegasem até a marcar e ameaçar a pequena diferença que restava. Francamente, eu posso admitir que um quadro sofra, num periodo de jogo, um colapso. Estava a cancha escorregadia e talvez entendessem os constituintes do ataque que melhor seria forçar pelo centro, reduzindo o trabalho de organização do ataque. Todavia, eles mesmos, se assim pensaram, deveriam ter concluido, depois de malogradas varias tentativas, que melhor seria abrir a defesa contraria, como haviam feito nos primeiros lances e com magnificos resultados. Mas, já que eles insistiram em tal tatica, errada sem duvida, não poderiam voltar a campo, para o segundo periodo, e persistir no erro. Parece-me que caberia a você, orientador do quadro, ditar outra maneira de agir, bem como mandar guarnecer de maneira mais eficiente o setor esquerdo da retaguarda, que estava falha, porque não havia cobertura para Noronha. Você precisa, meu caro Jim, tomar muito cuidado com tais particularidades, porque o segundo jogo com o Vasco está ai e qualquer descuido poderá representar um grave desastre. Basta o empate para que o titulo venha a nós. Todavia, no Rio, tudo será muito mais dificil. Eu não acredito que o Vasco, lá, seja o mesmo que vimos domingo, no Pacaembu. Aliás, você isso bem sabe, porque com ele pelejou anteriormente no Maracanã. Cuidado, portanto, Jim. O futebol paulista precisa desse titulo e você, para tanto, deve dar o maximo. Aceite um abraço do amigo MINISTRINHO.

●

ARBITRO COMPLACENTE E PERIGOSO

VALEU TUDO — Francamente, pelo cartaz que deram no Rio a Sidney Jones, arbitro da partida entre Portuguesa e Vasco, a verdade é que o britanico decepcionou. Não que chegasse ao extremo da parcialidade, mas deixou claro que não é o homem ideal para dirigir uma partida de tamanha responsabilidade. Deixou que o jogo transcorresse à vontade, com botinadas, trancos, rasteiras, de lado a lado, não se importando com o que pudesse acontecer. Se apitou umas duas faltas, foi muito e assim mesmo em situação toda especial, pois, no mais, valeu tudo. Um autentico arbitro de briga de galo!

NÃO ADIANTA FALAR — Já temos batido e rebatido a respeito dessas entradas intempestivas dos massagistas em campo. Infelizmente, isso parece já fazer parte de todas as pelejas de futebol que se realizam em São Paulo e Rio. Porque, em todos os jogos, o espetaculo se repete. Mario Americo, então, é useiro e vezeiro nisso. Basta um cochilo do arbitro, par que o "pombo correio" contorne o gramado e ultrapasse até as linhas normais, para transmitir instruções. E os nossos, como não querem ficar por baixo, tambem são vistos em identicas "escaladas". Não há jeito mesmo, não adianta falar.

NÃO EXISTIRAM BANDEIRINHAS — Alem de deixar o jogo correr à vontade, o juiz Sidney Jones não tomou conhecimento dos auxiliares de linha. E, nas raras vezes que o fez, foi para apitar uma falta ou saída de bola com atraso demasiado. Impedimentos passaram aos montes. O bandeirinha acenava, mas o apitador parecia no firme proposito de não parar a bola. Pareceu até que só gols valiam. Houve outro momento, quando Edmur entrou no quadro do Vasco, e a bola já em movimento, chutada pelo arqueiro Ernani, em que o juiz parou a peleja, fez entrar em campo o vascaino, ordenou a saída de Jansen e quando se aguardava um bola ao chão, fez retornar a bola ao goleiro e este atirou para o meio do campo, como se nada houvesse acontecido. Outra grande rata do inglês.

MUITO JOGO PARA TRÁS — Quando a Portuguesa, em menos de dez minutos, jogou duas bolas no arco de Ernani, tivemos a impressão nitida da goleada. Entretanto, incompreensivelmente, os lusos passaram a fazer classe. Ceci, por exemplo, invariavelmente, apanhava a pelota, no meio do campo, e mesmo sabendo que Simão ou Pinga estavam em condições de recebê-la na frente, preferia recuar para o despejo de Noronha. Renato tambem andou incidindo nesse erro prejudicial, que só dava chance par a marcação por parte da defesa do Vasco. A Portuguesa deve jogar como sabe e pode, em velocidade, pois ai estará em seu ambiente, naquilo que gosta de fazer. Que o reparo fique para o proximo compromisso.

CUIDADO COM O MARACANÃ — Depois do que se viu em Pacaembu, com as botinadas que estiveram em função de lado a lado, há que haver extremo cuidado no estadio carioca. Lola e Belini chutaram muita perna aqui e é facil imaginar o que farão lá. Eli é outro que, em certos momentos, chegou a demonstrar lisura, embora se desmandando em outros. Mas, ninguem se iluda, no Maracanã as coisas tendem a ser bem diferentes. O médio vascaino, como já demonstrou vezes inumeras, não há de querer levar o "baile" que levou. E, se houve o que houve por aqui, o que não haverá por lá?! Principalmente se o arbitro aceitar tudo como normal.

EM SÃO PAULO O PALMEIRAS

O Palmeiras é esperado amanhã, por volta das 20 horas, de regresso da excursão em campos da America Central e do Norte. Seu saldo favoravel de vitorias tem o lado triste tambem, que foram as contusões de Aquiles e Richard. Por isso mesmo, deve a torcida paulista prestigiar a chegada daqueles que, a custa de sacrificios e esforço fisico incomum souberam levar uma amostra de nosso futebol a terras estranhas. O Palmeiras brilhou no exterior, e não foram os acidentes citados e o esgotamento de seus jogadores, que à vista da falta de reservas, precisaram jogar seguidamente, e fora de posição, melhores ainda teriam sido. Mas sua campanha serviu para deixar bem solido o prestigio de nosso futebol em terras americanas. Que a torcida saiba recebe-los condignamente.

MUNDO ESPORTIVO

Redação e Adm. R. Felipe de Oliveira, 36 — 3.o — tel. 32-8460

Dir. Resp. GERALDO BRETAS

Dir. Ger. LUIZ VEDROSI

Numero do dia — Capital e Santos Cr$ 1,50

Interior Cr$ 2,00

Se eu fosse juiz...

Ah! se eu fosse juiz... Comigo não haveria aquela serie de botinadas entre Friaça e Renato. Eu não chamaria interprete e nem coisa que o valha. Os dois, incontinente, iriam para o chuveiro. Mas botam em campo um juiz banana como aquele e é por isso que tudo pode acontecer. No duro, eu não comprendi até hoje como é possivel entregar um apito para um desses caras que chegam da Inglaterra e que ninguem sabe se lá o cara era realmente juiz de futebol ou de luta livre. O tal de Sidney Jones, — cujo nome cito para que não se faça confusão com qualquer outro tão errado quanto ele, — não via toques, impedimentos, escanteios, faltas e nem pancadaria. Deixou o pau comer em larga escala. E a turma do Vasco, que, sem duvida, bem conhece como ele costuma agir, disso se aproveitou para largar a mandioca. Só estou pensando como será no Rio, num jogo em que o tal soprador da latinha estiver em ação. Não há canela que resista. O Mario Viana, perto dele, mesmo com aquela pessima arbitragem da luta entre paulistas e cariocas, na primeira final, é pinto, sim, porque essa novidade que os cariocas apresentaram domingo, é superior a quantas já vi. O homem, sosinho, é um fenomeno, sim, uma demonstração eloquente de como não se deve apitar ou de como se pode apitar pessimamente um jogo. Ele não apita nada e não se pode pensar que isso seja consequente de apito esgasgado ou de outra coisa, porque o inicio e o final de cada um dos periodos ele marca bem, de maneira bastante perceptivel. O que ele não sabe é distinguir faltas, impedimentos, escanteios, toques e agressões. Para ele, vale tudo. E' uma edição muito piorada de Mario Viana quando não quer mostrar como sabe apitar e quanto é homem. Se eu fosse juiz, no lugar desse cara, domingo, faria meu cartaz. Estava tudo de colher para ele, inclusive o tempo, que evitava aceleração do jogo e que se esquentassem muito os jogadores. No entanto, o tal de Sidney Jones foi o pioral. Imagino como ele será num jogo apertado... No dia que eu souber que esse cara vai apitar novamente, juro que vou ver, porque tenho acerteza que verei o que jamais vi em minha vida em materia de pessimas arbitragens. ZE' DO APITO.

MESMO IMPROVISADO O PALMEIRAS PREDOMINOU E VENCEU BEM

Os costarriquenhos não possuem tecnica esmerada, mas provocam empenho, porque correm em demasia — Não há relevancia e a bola é corrida da esquerda para a direita, com grande velocidade — Dominio do alviverde no primeiro tempo — Lima e Sarno, uma ala que nunca figurou nas cogitações de ninguem —

Novamente o Palmeiras exibiu-se em Costa Rica, desta vez em carater de despedida, voltando a triunfar apertada, mas merecidamente, pela contagem de 2 a 1. O termo de "apertado" que empregamos, não se refere tão somente ao marcador, pois que o prelio, no seu andamento, tambem exigiu do Palmeiras um desempenho cuidadoso, principalmente na segunda fase. Jogando desfalcado de muitos titulares, alguns dos quais formando, sabidamente, a sua coluna mestra e tendo ainda outros completamente deslocados, viu-se o alviverde frente a um adversario, senão tecnicamente apurado, pelo menos muito combativo, corredor, que lhe exigiria se não houvesse tecnica superior de sua parte, um desgaste de energias que o Palmeiras, a esta altura, não possue. De fato, os costarriquenhos, embora donos de um nivel ainda tosco em seu futebol, onde está ausente a maior malicia e o segredo dos truques mais profundos do jogo, são, dentro de sua simplicidade, um adversario que provoca empenho e atenção. Conseguem manter durante os noventa minutos um ritmo de jogo apreciavel, pela mocidade da quase totalidade de seus componentes.

O Saprissa, a exemplo do Orion, é um quadro jovem, que teve, acima de tudo, a intenção de aprender com o Palmeiras. E nessa sua ansia, por vezes "arrancou" de alguns jogadores alviverdes jogadas que estes mesmos até agora não demonstravam saber. O caso de Sarno é tipico. Voltou a jogar na ponta esquerda, desta feita formando ala com Lima. Que idéia se poderia fazer em São Paulo, durante uma campanha regular, de uma ala formada com esses dois elementos? E os que ficaram em São Paulo, na certa acreditam que, para um quadro coberto com tais remendos se vitoriar, somente uma fraqueza tremenda do adversario. Não foi isso, contudo, o que aconteceu. Os costarriquenhos, como já dissemos, não possuem uma tecnica aprimorada. Mas têm, em contraposição, um sentido elevado de conjunto. Não se pode observar uma unica relevancia em seu conjunto, que fazia a bola correr da esquerda para a direita com uma simultaneidade ausente do futebol brasileiro.

A sua linha media tambem nunca teve preferencia para êste ou aquele lançamento. Não pode haver, pois, da parte do Palmeiras, um serviço preventivo de marcação sobre os possiveis alicerces do adversario. Todos mereciam igual atenção. Quando o lance, por circunstancias do jogo, decorria na direita, nem assim Rubens e Tulio podiam estar calmos e sossegados, porque a reversão de camcampo era feita inesperadamente, te, com trançamentos longos. Os dois extremas principalmente, Herrera e Leiva, com o padrão que caracterizava os nossos pontas antigos de velocidade e invasão de área, quando não faziam a cobertura para o lado contrario.

E um adversário assim, por mais ingenuo que seja da tecnica aprimorada, é sempre perigoso, traiçoeiro. Na primeira fase, o alviverde conseguiu domina-lo, mercê de uma ação mais fecunda do seu ataque, que contou com Lima, na esquerda, trabalhando com desenvoltura e dando mostras de uma mocidade que não possue mais. Lima foi o elemento precioso de todas as horas apertadas do Palmeiras. Não só foi o avante incansavel que todos conhecemos, como ainda esteve sempre perto de Gersio, que substituiu Vila no centro da intermediaria. Moacir tambem foi deslocado de sua verdadeira função. Não trabalhou na frente, com as derivações que lhe são caracteristicas. Formou, com Lima e Gersio, um triangulo central que dava inicio às arrancadas ofensivas. Assim, o quinteto ofensivo do Palmeiras, somente no primeiro tempo conseguiu agir uniformemente, quando Moacir e Lima ainda tinham forças para descer depois de ter ajudado a intermediaria. No segundo tempo, como era de esperar, houve queda de produção.

Liminha e Ponce de Leon, que eram a rigor os dois unicos homens que davam combate direto à zaga contraria, vez ou outra auxiliados por Sarno, tambem tiveram que se revezar no desarme. E o conjunto, no todo, nada mais apresentou, para nós, do que um trabalho de remendo geral, onde todos, com boa vontade, procuravam cobrir as falhas casuais que apareciam. Mesmo assim, no entanto, os locais ficaram impressionados com a exibição, porque o nivel de nossos jogadores é, "in natura", superior, qualquer que seja a circunstancia e o local. Vencemos com categoria e isso é o que importa.

A RADIO BANDEIRANTES

transmitirá quarta-feira à noite, diretamente do Maracanã, na palavra de

EDSON LEITE

o sensacional confronto

PORTUGUESA vs VASCO DA GAMA

DA DECISÃO DO

TORNEIO RIO-SÃO PAULO

O XV DE JAÚ PRECISA EVOLUIR

O XV de Novembro de Piracicaba recebeu a visita do XV de Jau, num jogo amistoso cuja finalidade era não deixar a torcida sem futebol e afiar a equipe para os compromissos do campeonato. A vitoria pertenceu aos piracicabanos, por 3 a 2, e a partida não foi grande coisa, pois não viveu de regularidade. Muito pelo contrario, pois a um lance de boa ordem tecnica seguia-se varias ações desordenadas, capazes mesmo de comprometer o renome das duas equipes, principalmnte dos locais, que deveriam atuar melhor, por sua superioridade individual.

Queremos nos referir a dois fatos: em primeiro lugar a cera exagerada e fora de tempo que os jauenses quizeram aplicar quando chegaram a vencer por 2 a 1. Se tivessem continuado a insistir ofensivamente, como vinham fazendo, os locais não poderiar armar-se e partir para a reação que acabou se verificando. Mas esquecidos que se tratava de um amistoso, no qual não há pontos em jogo, fizeram uma cera errada, irritante, que acabou por permitir aos defensores locais assumir totalmente as redeas da partida.

Em segundo lugar, parece-nos que o XV de Jau não perdeu a mentalidade de quadro de varzea interiorano. De outra forma não se compreendem as reclamações desesperadas, a indisciplina coletiva por ocasião do segundo gol local. Reclamaram os jauenses, alegando que o arqueiro defendera antes da bola ultrapassar a linha da meta. Mas estavam errados, pois o couro entrou um bom pedaço, e foi bem visivel. O XV de Jau precisa de ser instruido no sentido de evitar estas cenas.

QUEM SABE E' VOCE!



Você foi assistir o jogo entre Portuguesa de Desportos e Vasco da Gama? Então, veja a fotografia, tirada justamente momentos antes da partida. Se você for o que está colocado no circulo, é que teve a sorte de ser o "escolhido da semana", com direito portanto a receber o prêmio semanal que MUNDO ESPORTIVO destina a seus leitores. Esse prêmio é de DUZENTOS CRUZEIROS e se encontra, a partir de hoje, à disposição do felizardo, o escolhido no caso, em nossa redação à rua Felipe de Oliveira n.o 36, 3.o andar. Nenhum fan de futebol deve deixar de comprar o nosso jornal, pois pode muito bem acontecer de ter sido sorteado para ganhar a "gaita". E esta não faz mal a ninguem. Não há trabalho, o recebimento pelo leitor é feito no mole. Convem lembrar que são 200 pratas e domingo tem mais!

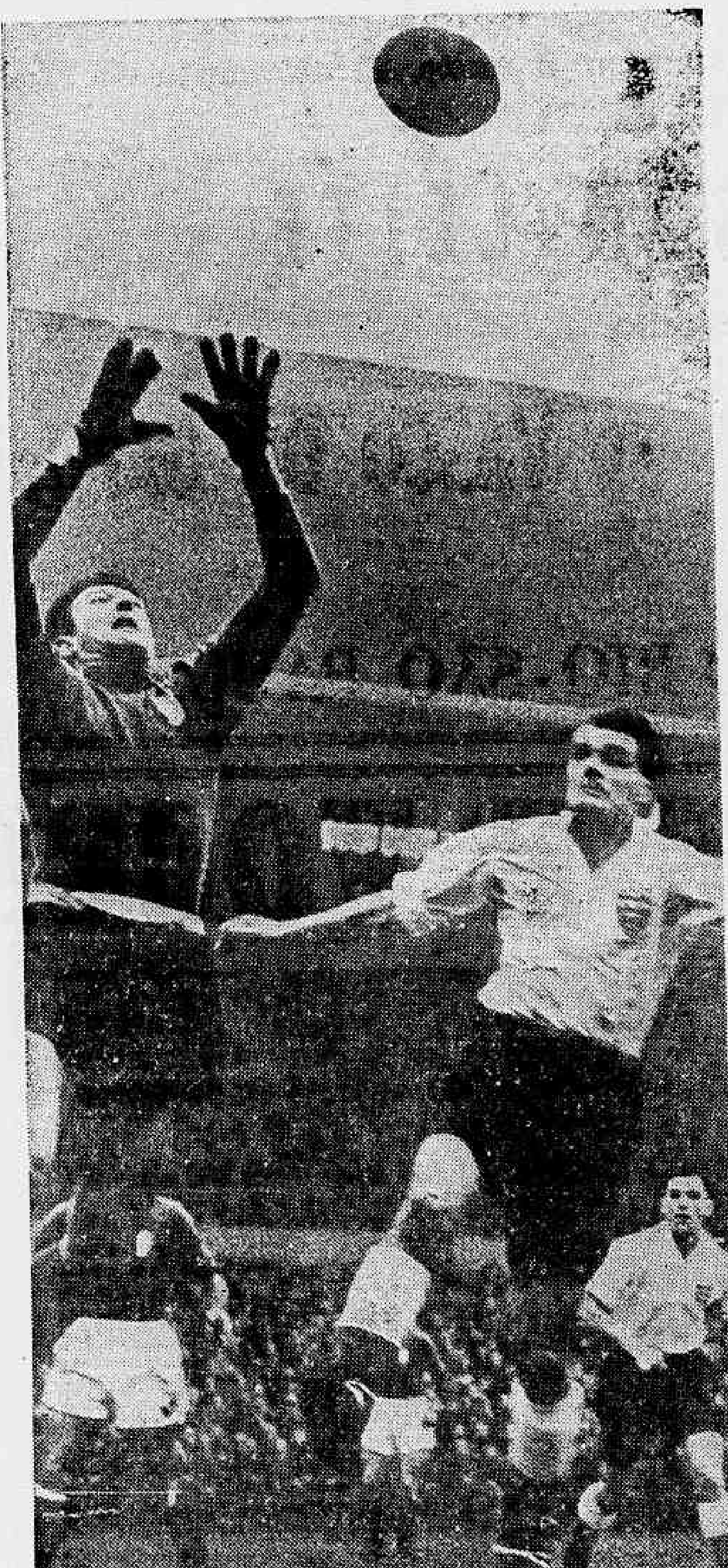


FAZEM QUATORZE ANOS — Após vencer o Campeonato Mundial de 38, a Italia cedeu varios elementos à seleção da F. I. F. A. que enfrentou a Inglaterra, em Londres. Os ingleses venceram por três a zero, confirmando, em grande tarde, o prestigio de seu futebol, principalmente porque o selecionado da F. I. F. A. faziam parte varios campeões do mundo e os melhores craques de outros paises. Na fotografia, Foni, Olivieri e Piola, este quando era cumprimentado pelo Duque de Kent, momentos antes da peleja. Aparece, tambem, risonho, o treinador do selecionado italiano Vitorio Pozzo, que, naquele dia, dirigiu o esquadrão da Federação Internacional. Nota-se nitidamente o escudo na camiseta azul-clara da F. I. F. A. Foni, Olivieri e Piola acabavam de ganhar a Copa "Jules Rimet" para a Italia, inclusive vencendo o Brasil por dois a um. Mas, em Wembley, os ingleses estão invictos!



EMPATOU EM CASA, MAS... — Faz muito pouco tempo que o selecionado austriaco compareceu à Londres para dar combate ao britanico. E, nessa ocasião, obteve um bom resultado, pois empatou por dois tentos. Agora, porem, foi a vez da Inglaterra jogar em Viena. Eram enormes as possibilidades dos austriacos, mas não puderam sustentar o empate do primeiro tempo e acabaram perdendo por três a dois, gol da vitoria inglesa marcado por Lofthouse, ao faltarem oito minutos para o fim do jogo. Esta é uma das formações da esquadra inglesa, justamente a que treinou e depois jogou na Italia e na Austria. Em pé, da esquerda para direita: Lofthouse, Ramsay, Froggatt, Merrick, Dickinson e Eckersley; ajoelhados, na mesma ordem: Milton, Broadis, Wright, Bailey e Medley. Empataram em casa, mas ganharam em terreno alheio

O MUNDO EM FOCO



MORO SALVA — Um lance interessante e sensacional na area italiana, durante o ultimo cotejo, em Florença, contra a seleção da Inglaterra. A Italia havia feito um ataque, mas Ramsay cortou e entregou na frente a Dickinson, que ultrapassou o meio do gramado e lançou de pronto a Lofthouse, alto sobre a area. O centro-avante controlou de cabeça, mas a bola subiu muito e quando desceu Moro saltou e agarrou com segurança.



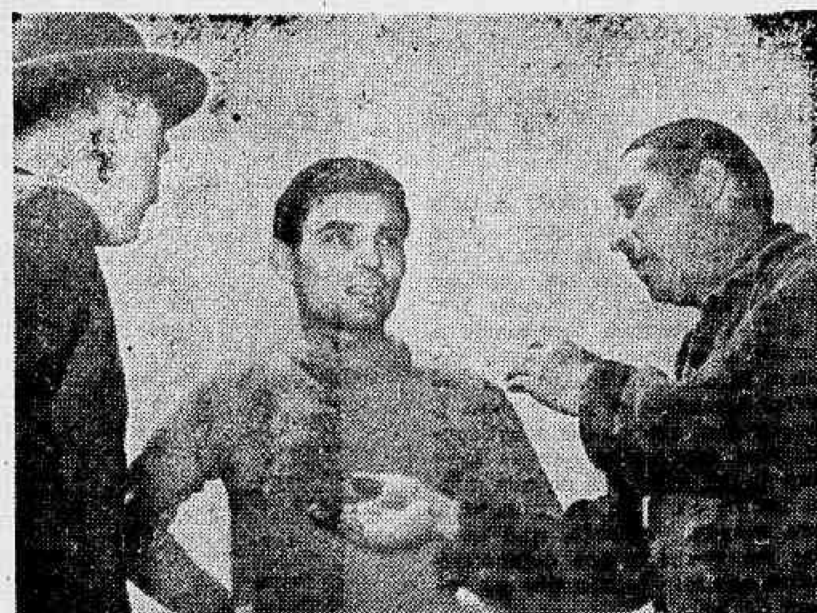




TRÊS RESERVAS BRITANICOS — Aí estão Williams, Garrett e Nicholson, reservas da seleção britanica, nas posições de goleiro, ponteiro e medio. Aliás, Williams é bem conhecido dos brasileiros, pois aqui esteve durante a ultima Copa do Mundo, sobressaindo-se pela extrema serenidade. Atualmente, o guardião titular é Merrick, mais espetacular que Williams e que foi um dos melhores homens de sua equipe no jogo em que a Inglaterra superou a Austria. Nicholson e Garrett não obtiveram ainda condições para ganha o posto de Dickinson e Medley



VITIMA DO FUTEBOL — Lorenzi é o centro-avante do Internacional é um dos bons elementos da posição dentro do futebol italiano, tanto que seu nome nunca é esquecido nos momentos de seleção. Agora, porem, disputando o campeonato, no jogo contra o Florença, sofreu fratura do zigoma, ao saltar na area para apanhar um centro de Skoglund, que se deslocara para a ponta. Retirado da cancha, sofreu os primeiros socorros, mas a fisionomia do craque é de intenso sofrimento, em que pese os curativos imediatos que lhe estão sendo ministrados. Lorenzi não pôde jogar contra a Inglaterra. Não só pela contusão, como porque Piola tinha sido o escolhido. um a um foi o marcador desse grande jogo



AINDA NÃO RESOLVEU — Desde que Vitorio Pozzo, desgostoso, abandonou a direção das equipes italianas, praticamente são inuteis os esforços dos dirigentes para "acertar o passo". Primeiro, foi uma Comissão de Três, que acabou desistindo. O cargo foi entregue a Beretta, que imediatamente convocou o ex-craque Mazza para orientador tecnico. Os primeiros resultados não agradaram, mas todos levaram o assunto para o terreno normal de "inicio de uma nova era". Beretta e Meazza continuaram dando tudo, incentivando os jogadores, como vemos na fotografia, com o atacante Fattori. Entretanto, a "nova era" não chegou, pois os ingleses tiraram um empate dos italianos, dentro da propria casa destes

ADVERTENCIA PARA MARACANÃ

PERIGOSAS BRECHAS NA DEFESA DA PORTUGUESA

Os maiores erros verificados no Pacaembú – No Vasco, o melhor setor é o ataque – Deve merecer, por isso, marcação mais atenta – Ceci, o que acarretou algum desequilibrio na intermediaria – Santos, o exemplo que nunca falta – Brandãozinho e Nena que se revezem sobre Ipojucan e Ademir – Com o mesmo espirito de luta que o Vasco demonstrou aqui, nós, com a maior tecnica, venceremos lá – No momento, há uma só torcida em São Paulo

Não pode pairar dúvidas, quanto à legitimidade do feito da Portuguesa de Desportos, na primeira peleja decisiva do Pacaembu. Embora apresentando defeitos, conseguiu superar um Vasco que, se não se apresentou dentro de suas possibilidades técnicas, foi lutador intransigente que exigiu não poucos esforços. Todavia, somente pelo fato de se vitoriar, não quer dizer que a Portuguesa esteja desfrutando de favoritismo, para o segundo encontro. Houve, mesmo no sucesso, graves erros, que precisam ser sanados para a luta de amanhã, se não se quiser, depois, ficar amargando um resultado inesperado.

A MARCAÇÃO

Depois do grande periodo por que o passou o Vasco da Gama, sendo justamente apontado como o melhor quadro do Brasil, a sua direção técnica se viu em dificuldades para recompor o sistema defensivo, que se achava tão bem entrosado com Danilo, Augusto etc. Isso, notou-se, perdura até hoje. O seu sexteto recuado não conta com um agir harmonico, racional e eficiente na destruição e na cobertura do jôgo ofensivo. Todavia, não se pode dizer o mesmo da ofensiva. Esta, embora o revezamento de diversos nomes, não perdeu a potencialidade que a caracterizava e surge, ainda agora, como o melhor setor dos cariocas.

Torna-se mister, por isso, especial atenção da Portuguesa na sua retaguarda. Em Pacaembu, já se verificou que diversos de seus elementos não estão marcando de acôrdo com o que seria necessário. Empolgados talvez pela fraqueza da defesa contrária, descuidou-se na marcação de uma peça que tem vida própria, como é o caso do quinteto vascaino.

Ceci, por exemplo, nunca marcou Maneca com eficiência. O meia direita foi a mola de seu ataque, o cérebro que orientava os lançamentos para Ipojucan e Ademir, que, agindo muito estreitamente na frente, não raro levaram a melhor sôbre Brandãozinho e Nena, respectivamente. Lento, não acompanhando de perto o alto sentido de deslocação do meia, Ceci tambem não soube manter um contacto mais visivel, mais palpavel entre si e Brandãozinho, que lutava só, no meio do campo, encontrando como único apoio, o recuo abnegado de Renato. Noronha do lado esquerdo, tambem não conseguiu estabelecer ligação com o médio, que ficou, praticamente, perdido, correndo sem sentido na sua faixa de terreno, sem objetivo. Ceci não foi o único que marcou mal, na retaguarda. Nena tambem teve seus pecados, por não dispor de maior vislumbre das deslocações de Ademir. O único que custodiou o adversario com precisão, foi Santos. Chamamos a atenção da defesa lusa, porque dela depende grande parte do sucesso, amanhã, em Maracanã. Se souber desempenhar um trabalho seguro, com sentido de antecipação e "corte", o ataque fará o seu papel, porque tem superioridade técnica sôbre a defesa vascaina.

OS REPAROS DA OFENSIVA

O único senão que constatamos, no agir da peça de frente, foi o seu recuo desproposital, depois da marcação do segundo tento. Não só Renato, que sempre agiu da mesma maneira, de modo certo, como tambem Pinga e Nininho perderam o "elan" inicial, pondo de lado o sentido de velocidade que tão bem desfrutaram nos minutos iniciais. Julio, na direita, esteve quase perfeito. Carece um tanto de finalização, somente. Aliás, o extrema pareceu esquecido de que possue um tiro potente. Deve tentar sempre, executando, simultaneamente, aquelas trocas de posição com Nininho, que sempre trazem resultados, enquanto que Simão, na esquerda, precisa estar mais atento aos "rushs" de Pinga, recuando quando for preciso para arma-los. E que não se esçam, os cinco, de que o seu forte, coincide justamente com a única maneira com que a defesa do Vasco é mais vulneravel: isto é, com velocidade e deslocações continuas. Que não ponham em prática, novamente, os passes laterais e recuados, como o fizeram em Pacaembu, no segundo tempo.

CONFIAMOS NA VITORIA

Nós cremos na vitoría final da Portuguesa. Os seus homens, sejam da defesa ou do ataque, saberão lutar galhardamente para conquistar mais um titulo para São Paulo. Os reparos que fizemos, tambem Jim Lopes deve tê-los feito. O volume de jogo englobado nos primeiros quinze minutos, foi excelente. Aquele tem de ser o seu padrão, o seu marco zero. Com varios de seus craques gozando de uma personalidade que nunca tiveram, é certo que só em caso de desastre não traremos o titulo do Maracanã. Com o mesmo espirito de luta que o Vasco mostrou aqui, nós, lá, com a nossa maior tecnica, venceremos. A Portuguesa notou que toda a torcida paulista, neste momento, está a seu lado. Temos certeza que não trairá essa confiança.

APOGEU DE UM CRAQUE

Rodrigues nasceu predestinado. Tem encontrado, na dificil profissão que escolheu, as oportunidades pelas quais outros têm lutado inutilmente. Não passava de uma simples promessa quando o Fluminense o levou. Jovem demais, apresentava o estilo ainda verde, sem personalidade, proprio dos elementos em formação. Mas já era um craque. Já era mais do que uma amostra do "artilheiro" inclemente que alguns anos mais tarde iria vencer Maspoli de quarenta jardas e fulminar Castilho à queima-roupa, como a querer demonstrar que sabe chutar de longe, quando é preciso, e que sabe entrar na area quando quer, com "ferrolho" ou sem "ferrolho". Mas, voltemos ao Rodrigues de 1946. Um pouco indiferente, talvez, esperando que o maná caisse do céu por descuido. Fazia força, mas não o suficiente para se impor como devia, e foi assim que, no certame nacional de 1946, foi preterido por Chico, apesar de se encontrar em evidencia com a conquista do supercampeonato, pelo Fluminense. Entre Chico e ele não poderia haver comparação, mas o tecnico sempre deu preferencia ao primeiro, por ser mais brigador, mas afeito às aparadas dificeis.

São Paulo, um dia, reivindicou seus direitos sobre o filho dileto. Pela mão do Palmeiras trouxe-o do Rio, e a camisa esmeraldina de Imparato, Carreiro e Canhotinho, caiu sob medida em Rodrigues. O verde-mar deu-lhe novas inspirações, despertou-lhe, por assim dizer, o senso de responsabilidade, o amor proprio, o desejo de presservar a propria carreira. E a metamorfose começou a se operar. Pouco tempo se passou, desde então, e o Rodrigues de hoje é um craque no apogeu. Em seu estilo, não se sabe o que mais admirar. Tipo de jogador eclético, lembra às vezes De Maria, pela decisão, pela potencia do arremate. Em outras lembra Carreiro, pela malicia, pela picardia, e pela inteligencia nos faz lembrar Chueco Garcia, com a diferença que o "maior" da Argentina tinha um pé só e Rodrigues tem os dois (Castilho que o diga!).

O Tatu (é segredo o apelido, portanto que fique entre nós) é desses jogadores com que os tecnicos podem contar para qualquer emergencia. Ao lado de Jair gosta de jogar na frente, lançado para aproveitar seu terrivel morteiro. Mas não depende de Jair. Pode, por seus proprios recursos, vir buscar a bola na retaguarda para fazer seus gols atomicos. Integra-se na equipe, sente-lhe as necessidades e luta por elas. E, o que é mais importante: deixou de ser o "porcelana" de outros tempos. Agora enfrenta Arati, Eli ou quem quer que seja, sem medo de caretas. Topa qualquer parada. Completou-se, enfim, atingindo esse ponto maiuscuo que abre o caminho para a celebridade.

Eles exigiram

Bons Móveis de Aço

– por isso preferiram FIEL

FIEL representa o que há de melhor em matéria de móveis de aço para escritório. Eis porque a grande maioria exige FIEL em suas instalações.



FIRMAS QUE ADQUIRIRAM FIEL

Cia. Johnson & Johnson do Brasil Produtos Cirúrgicos
Cia. Goodyear do Brasil - Produtos de Borracha
Singer Sewing Machine Company
Cia. Telefônica Brasileira
The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.
Cia. Mate Laranjeira S. A.
Prudência Capitalização S. A.
Sul América Terrestres Marítimos e Acidentes



MÓVEIS DE AÇO FIEL, S.A.

R. CACHOEIRA 670 - TELS. 9-5544 - 9-5545 - S. PAULO

ARTGRAF

ALTA QUALIDADE NOS MINIMOS DETALHES

SARNO, O MAIOR

Ao passo que a temporada do Palmeiras se aproximava de seu termino, minguava cada vez mais suas reservas fisicas. Uma campanha extenuante, que ficou muito longe daquele simples passeio que todos imaginam uma excursão. O prazer de turismo ficou relegado a plano inferior, dadas as circunstancias adversas que sempre cercaram o alvi-verde. Todavia, mesmo assim, alguns de seus homens, fazendo parte de um conjunto de ultima hora, com varias lacunas, conseguiram desempenho superior. O caso de Sarno, contudo, superou os demais, pela completa oposição do posto com suas verdadeiras caracteristicas. Já tinhamos louvado, anteriormente, o seu desempenho como médio de apoio. E Sarno foi mais longe, quando tal foi preciso. Foi parar na ponta esquerda, revelando-se um extrema atilado, consclo do papel que lhe cabia. Lançando os companheiros muito bem, quase nunca por cima e sim por meio de passes rasteiros e bem endereçados, causou até hilaridade nos companheiros, tal precisão com que se houve.

Ao seu lado, teve Lima que trabalhou com invulgar empenho, para sanar eficientemente a grande lacuna que Jair, pela sua classe extraordinaria, deixa no conjunto. Extremamente vivaz, não parou um instante compreendendo muito bem o papel de levar atraz entre a intermediaria e os pontas-de-lança. Na defesa, Tulio apareceu com apuro, organizando meticulosamente o recuo e o avanço da peça, com oportunidade, o mesmo se dando com Juvenal, quanto à zaga. Teve mais folga, o zagueiro, para fazer a entrega do balão. Fê-lo de molde a facilitar o serviço da linha média, auxiliando-a diretamente e com personalidade. Estes os mais relevantes, se bem que os demais estivessem todos num nivel aceitavel. Tiveram o que se tornava necessario, para enfrentar e vencer a propria improvisação.

UM GRANDE JOGO PARA A TORCIDA FESTEJAR O CORINTIANS

No seu batismo internacional, o campeão paulista passeou pela Europa e apresentou a imensa classe do futebol mais rico do mundo

O Corintians marcou a sua passagem na historia do campeonato paulista, com retumbantes façanhas. Acumulou titulos, e na propria historia dos seus tri-campeonatos há o registro imorredouro de sua pujança cada vez maior. Faltava-lhe, porem, o batismo internacional, a fim de que sua folha corrida se completasse como um dos clubes que mais tem feito pelo futebol brasileiro. Em 1951, esteve no Uruguai, cruzando as fronteiras pela primeira vez. Não foi uma campanha bem sucedida, porque se a sua unica exibição em canchas cisplastinas foi coroada com um triunfo sonoro, por 4 a 1, o mesmo não se deu no aspecto disciplinar. O Corintians foi obrigado a tomar uma atitude energica, na questão da indicação dos juizes, e regressou sem terminar o torneio quadrangular que aceitara. Aquilo, porem, morreu no tempo.

Tendo conquistado o titulo, depois de longa espera, o campeão do centenario achou-se forte para grandes empreitadas, e organizou longa excursão. Em 16 jogos teve apenas uma derrota, justamente na estreia e por haver menosprezado o valor do adversario. Daí por diante escreveu com letras de ouro o nome do Brasil esportivo e foi incendiando, cada vez mais, de entusiasmo o coração de seus torcedores, que daqui de longe acompanhavam a sua excepcional trajetoria pelos longinquos campos do Velho Mundo. No clima frio da Suecia Gilmar encontrou a reabilitação. Jackson brilhou na exotica terra dos Abdullahs, e a ala direita formada por Luizinho e Claudio deixou de boca aberta os torcedores de quase meio mundo.

Agora, está o Corintians a caminho do Brasil. Haverá festas, recepções, foguetorio, champanha e discurseira. Tudo muito justo, tudo necessario, mas se é verdade que os corintianos desejam ver, e abraçar, os seus craques preferidos, não é menos certo que a torcida anseia por uma apresentação da equipe. Nesta altura seria interessante, sob todos os pontos de vista, pensar-se numa grande partida de apresentação desse "monstro" de tecnica que assombrou o mundo, levando até à Finlandia a expressão do futebol mais rico do universo. Um prelio escolhido a dedo, de preferencia internacional, contra um conjunto uruguaio ou argentino. Seria uma formula do Corintians encerrar, com chave de ouro, o ciclo vitorioso de seu batismo extra-muros. Já se fala, por exemplo, num grande amistoso contra o Palmeiras. o que seria tambem uma ideia muito boa, mas ainda preferimos um cotejo internacional.

TEMA OBRIGATORIO

Em 52, já vai o ano bem adiantado e tudo faz crer que no mês de junho não se iniciará o campeonato e talvez mesmo nem nos primeiros domingos de julho, principalmente se, como se aguarda, o Fluminense ganhar o "pareo" para a efetivação da nova Copa internacional, porque aí o Corintians, como campeão paulista, terá de ser o nosso representante. Nestas condições, é muito dificil um calculo aproximado da data exata do inicio do certame paulista, posto que temos que considerar ainda o celebre "caso Jabaquara". E' verdade que a Federação já tomou as devidas providencias a respeito, inclusive escolhendo e nomeando um procurador para representá-la na Justiça, mas convem se apressem as providencias, a fim de que, caso não se realize a Copa Rio, possamos entrar o mês de julho plenamente certos do dia da primeira rodada.

No ano passado, por esta epoca, já estavamos em plena vigencia do campeonato paulista, que foi paralisado, pouco depois, em face da Copa Rio. Isso, entretanto, só fez com que o certame se alongasse demasiadamente, a ponto de, nem bem terminado, termos que entrar de imediato (no domingo seguinte, se não nos falha a memoria) nas disputas do São Paulo-Rio. E, com os craques cansados da longa e dura jornada, muito pior que a que se realiza no Rio de Janeiro, iniciamos muito mal o torneio interestadual.

Por outro lado, estamos cansados dessa falta de ordem, que parte, é preciso que se diga, da propria C.B.D. Em materia de organização, estamos muito à frente do que se faz e realiza na Capital Federal, mas, por isso mesmo, em beneficio do proprio futebol paulista, temos que organizar, em São Paulo, um calendario, sujeito somente a restrições ligeiras, que vivam em razão direta do esporte do Brasil e não isoladamente em beneficio deste ou daquele. E' logico que o Corintians tem interesse em disputar a Copa Rio, mas, tambem é logico que o campeonato não pode sofrer maior atraso. Os "pequenos" tambem têm direitos assegurados.

Pelo jeito em que vão as coisas, talvez só em agosto iniciaremos o campeonato, o que é um perigo, pois acabaremos tendo que disputar o São Paulo-Rio de 53 juntamente com o nosso proprio certame, pois, nessa ocasião, a C.B.D. será bem capaz de exigir pressa nesse torneio, em face de seus compromissos internacionais.

Cabe, portanto, à F.P.F., inicialmente, apressar uma solução para o assunto do Jabaquara, impondo-se depois quanto à Copa que o Fluminense pretende patrocinar, eis que não poderemos ficar eternamente à espera de um resultado que já foi cortado varias vezes.

TREMENDA INFELICIDADE

Há oito dias atrás, nem bem terminara o jogo paulistas e cariocas no Maracanã, Bauer saiu direto para os vestiarios, recebendo no caminho os abraços de contentamento dos fans bandeirantes que invadiram a cancha. Sempre calmo, o rosto quase sem expressar as emoções que, naquela hora, todos sentiam. E vimos bem quando alcançou o banco nos vestiarios. Enquanto gritavam do outro lado, os torcedores dando vasão a uma alegria que estivera presa durante dez anos, ele, Bauer, um dos grandes valores do gramado, conservava a impassibilidade. Calmamente foi desmanchando o laço do cordão da botina, mais calmamente ainda tirou as meias e a resposta para uma leve batida nas costas, de um fan ou dirigente, era um sorriso que começava no canto dos labios e logo desaparecia.

A sua alegria, para quem o observasse bem, era grande, enorme, mas Bauer sabia refrear suas emoções. Tivera cinco jogos duros, seguidos, pelo Campeonato Brasileiro. Em todos fizera alarde de qualidades de verdadeiro craque do balão e se houve ocasião em que discordamos do seu modo de atuar, fizemo-lo abertamente, do mesmo modo como lhe citavamos as virtudes. Não visamos nunca o jogador, mas o seu jogo, em seu proprio proveito e no do quadro.

Ganhou o titulo nacional pela primeira vez. Quis porem a fatalidade que, no domingo seguinte, quando ainda eram cantadas as glorias paulistas conquistadas no Maracanã, Bauer ficasse alijado das futuras lutas de São Paulo por tempo indeterminado. Justamente ele, que pode ter seus defeitos, mas joga limpo. Justamente ele, que é o tipo do craque leal, sem os desmandos que se notam na grande maioria do futebolista brasileiro. E voltou de Ribeirão Preto para um leito de enfermo, sem que se possa saber quanto tempo ficará longe da torcida, distante do gramado do Pacaembú. Entretanto, temos certeza, durante essa espera, que há de ser longa, mormente para o jogador que vive da bola e para a bola, não será esquecido. E todos, fans, dirigentes, jornalistas, etc., estarão contando as horas, os dias em que poderão vê-lo de novo no gramado, dono das qualidades que chegaram a torna-lo um dos maiores do Mundo.

EXCURSÃO PARA A HISTORIA

Três revanches, para conseguir quebrar a resistencia do Palmeiras – Guadalajara, Atlante e Oro não se conformaram com o marcador - Não bastando isso, reuniram-se, formaram a seleção mexicana e foram derrotados – Apito, brutalidade e força bruta

Chegou, finalmente, ao seu termino, a excursão do Palmeiras. Uma campanha brilhante por todos os titulos, que conseguiu, em todo o transcorrer, despertar elogios rasgados das criticas especializadas dos paises percorridos. A par da tecnica apresentada, o Palmeiras mostrou-se um quadro disciplinado, conscio de sua verdadeira qualidade de esquadrão, jamais se enfronhando para o terreno das atitudes desagradaveis. Mesmo sofrendo, em determinadas partidas, um acossamento inhumano, por parte das equipes mexicanas, que queriam, de todo geito uma vitoria consagradora, não perdeu a linha e conservou o espirito elevado de quem apenas quer competir, propiciando ao adversario as mesmas probabilidades de vitoria que engariava para si. Essa, aliás, foi mais uma prova de superioridade. Seria desculpavel mesmo, que o Palmeiras, ante tão insistentes provas de má intenção de sucesso a todo custo, revidasse, porque para isso teria, como amenizante maior o fato de ser um visitante cujo hospedeiro não seguia as normas tradicionais de hospitalidade. Todavia, essa possibilidade foi superada, concentrando-se todos os seus jogadores somente no verdadeiro objetivo, que era o de levantar ainda mais o prestigio do nosso do nosso futebol, na terra azteca.

Um outro prisma que ponderou na campanha do Palmeiras, no Mexico, foi o fato de as equipes locais, revezando-se como seus adversarios, quererem se superar, umas às outras, na obtenção de um resultado mais agradavel para suas cores. Anteviam os mexicanos do Oro, do Atlante Guadalajara ou Necaxa, que uma vitoria frente à equipe brasileira, equivalia, aos olhos do mundo, como superioridade ante os demais clubes locais. O mais feliz neste ponto foi o Atlante. Embora jogando reforçado, como fizeram todos os outros, o Atlante realizou a façanha de permanecer invicto, empatando por 2 a 2 e vencendo por 1 a 0. O Guadalajara, não se conformando com a derrota inicial de 3 a 1, foi à revanche com sucesso, ganhando por 3 a 0, quando já a equipe brasileira mostrava evidentes provas de cansaço. Nas seis primeiras partidas, enquanto o conjunto dispunha de todas as suas forças, foram conseguidos cinco vitorias e cedido apenas um empate, que foi o assinalado contra o Atlante. Em três pedidos de revanche — Atlante, Guadalajara e Oro — que só por si falam da teimosia dos mexicanos em ganhar de qualquer modo, o Oro foi o unico que não conseguiu reabilitação, na segunda partida, perdendo novamente por 1 a 0. No primeiro prelio, perdera por 2 a 1.

E, não bastando os anseios seguidos de revanche, que exgotavam paulatinamente as reservas fisicas do Palmeiras, os clubes se reuniram para, unidos e oportunamente conseguirem o que até então parecera impossivel: a conquista de uma vitoria categorica, insofismavel, que passasse do aperto da diferença minima, baseada mais em facilidades no apito e dificuldades da virilidade em demasia. Formaram a seleção, com quase todos os nomes que a integraram no Chile. Não foram felizes, porque o Palmeiras, num verdadeiro "tour de force", antevendo tambem a oportunidade de assegurar definitivamente a sua superioridade, impos-se com uma vitoria que só ela, bastaria para consagra-lo.

Na Guatemala, não foram oferecidas maiores dificuldades dos que as até então encontradas. O futebol guatemalteco, fraco, propiciou ao Palmeiras uma especie de recuperação. Já em Costa Rica os obstaculos foram maiores, pois os costarriquenhos, fogosos e corredores, exigiram um desgaste de energias que o Palmeiras, nesta altura, já não possuia. Não obstante, imperou a maior classe e o Orion caiu. Caiu, como cairiam todos os demais adversarios, se o Palmeiras tivesse tido mais folga entre os compromissos, se não tivesse de lutar contra o adversario contusão e contra o sempre presente apito. Aliás, reuna-se todos esses fatores contrarios, pese-se-os, considere-se-os e o produto será: excursão de um quadro brasileiro.

O VASCO

SO' TEVE BOM TRIO CENTRAL

Falhas e irregulares as demais peças — A zaga rebateu muito, mas esqueceu da centralização em Maneca ou Eli — Comando de jogo que ficou em quase nada, pelo desapoio à ofensiva — Existiu ataque? — Só Ipojucan e Ademir na frente

Maneca tentando armar no meio da cancha — Tantos erros forçaram o recuo de Eli — Lola sabia que não podia contar com boa cobertura — Jansen e Friaça, os piores — Altos e baixos para toda a defensiva

Trio final incerto, intermediaria com altos e baixos e ataque composto exclusivamente de trio central, eis, em poucas palavras, o que nos apresentou a equipe do Vasco da Gama. Viu-se isso desde os primeiros momentos, quando o maior volume de jogo dos lusos, forçou o recuo de Maneca, alem de se notar completo atabalhoamento no sistema de marcação, principalmente do lado direito, onde Belini, somente rebatedor, quis trancar as fugas de Simão à força de entradas viris e até desleais. Eli, tambem recuado, falhava em demasia na ligação que tinha que ter com Maneca e, em consequencia disso, ficaram na frente Ademir e Ipojucan, contando unicamente com os seus proprios recursos, dada a ineficiencia dos extremas Friaça e Jansen.

Houve momentos, é logico, em que o Vasco foi adiante, chegando a comandar a peleja, mas sem um sentido uniforme de jogo coletivo, sem uma noção mais exata de como se defender bem e contra atacar. Esse avanço surgiu mais em razão da retração incompreensivel da Portuguesa, que propriamente dos recursos individuais ou de conjunto do onze carioca. Tanto que, bastava a descida da ala esquerda paulista, ou o deslocmento de Julio para o centro e Nininho para a ponta, para que se visse, em toda a sua fragilidade, o destempero com que manobrava o triangulo Ernani, Belini e Wilson. Um goleiro inseguro, enquanto os zagueiros viviam de rebatidas longas, sem procurar concentrar o jogo em Eli ou mesmo Maneca.

Somente cabe destaque especial, pela uniformidade apresentada, ao trio atacante, composto de Ademir, Ipojucan e Maneca, se considerarmos a escalação dada, eis que Ademir foi centro avante e Ipojucan meia esquerda, ficando a Maneca a função dupla de auxiliar atrás e municiar a ofensiva, se é que esta existiu. Sim, porque somente o centro dianteiro e o meia esquerda (posto de lado o serviço de Maneca jogando no meio do campo), foram os acossadores da area lusa. Porque a bola não parava, ia de primeira entre um e outro, a ponto de se notar ,em certos momentos, ,que Nena, Brandãozinho ou Ceci ficavam em situação de nitida desvantagem. Entretanto, parava ai o volume de jogo do Vasco. Não havia apoio, em que pese o esforço de Maneca e alguns lances de classe de Eli. Mas, nenhum poderia sustentar sosinho, ou mesmo juntos, os avanços que se faziam pelos flancos, e x p l o r a d a visivelmente que era a fraqueza dos marcadores dos pontas pelos lusos.

A quem caberia ligar à defesa ao ataqze? A Maneca, em primeiro lugar, mas tinha que haver entrosamento com Lola e Eli. E se estes realizaram em parte o trabalho de jogar no meio da cancha, não puderam aguentar o estafante serviço de marcar e apoiar. Foi flagrante no segundo periodo o decrescimo de produção do centro medio, piorando ainda mais a situação. Lola quis cobrir os vãos existentes, na direita e no centro, terminando por ser presa facil para Pinga nos duelos pessoais. Mormente porque sentia que, quando avançava, abria campo para os lusos. A inexperiencia de Belini, a má forma de Wilson e mesmo lentidão ,eram valvulas certas. Eli recuou, Lola, teve que jogar mais em seu proprio campo e a ofensiva voltou a viver dos esforços isolados do trio central.

Não teve extremas o Vasco da Gama. Se ainda podemos dizer que os beques e Jorge rebateram e lutaram muito, nada se pode falar a respeito de Friaça e Jansen. Este, alem do fato de ter pela frente um Santos notavel, demonstrou sobretudo falta de tirocinio. Pegou varias bolas, mas parou-as, quando o mais certo seria o centro logo, pois, no minimo, poderia aproveitar a alutra de Ipojucan e o bom sentido de deslocações de Ademir. O centro avante se infiltrava, aguardava o passe, mas Jansen demorava e perdia. Errou muito o ponteiro, dando-se o mesmo do outro lado, apesar da marcação às vezes distante de Noronha. Em verdade, são bons jogadores, mas decepcionaram em toda linha. Não acompanhavam o bom entrosamento do trio, perpendo-se em todos os lances, alguns até faceis.

Foi portanto o Vasco da Gama um bloco heterogeneo, onde só Ademir, Ipojucan e Maneca se salvaram. Eli e Lola com jogadas boas e más, apagando-se mais em razão da incerteza dos companheiros de retaguarda. Sobre os demais, já falamos, convindo ressaltar e repetir que os ponteiros foram os piores.

RECEPÇÃO AO CORINTIANS

Parece que vamos ter um verdadeiro carnaval, em pleno mês de Junho... O Corintians está para regressar, e sua chegada, segundo está anunciada, se dará sexta-feira. A torcida do alvi-negro, que é por si barulhenta e animada, terá uma excelente oportunidade para desabafar toda a emoção contida através de tantos domingos sem ver o quadro em ação, apesar de seguir atentamente os noticiarios, e vibrar com as vitórias sensacionais. O contacto direto, porem, com os jogadores se fazia necessario, e este contacto se dará dentro de três dias, sexta-feira proxima, quando algo de sensacional se dará nas ruas de São Paulo, a provar a pujança, o prestigio do futebol entre nós, e muito principalmente do Corintians, campeão tambem de torcida.

☆ QUADRO DE HONRA ☆

I

SANTOS — Pode ser que o fato de haver lidado com um extrema nulo como Jansen tenha favorecido o trabalho de Santos. Pode ser, tambem, que Jansen não tenha feito nada por causa do medio luso. Nessas condições, não hesitamos em entregar-lhe o lugar de honra neste quadro pois durante toda a peleja Santos foi de segurança a toda prova. Fez alarde de sua exepcional capacidade fisica, na marcação sobretudo. Quando vai na bola vai firme, tirando ao adversario toda a "chance" de fintá-lo. E se é obrigado a expor-se à finta, numa cobertura, imediatamente volta à carga, combativo, duro como ele só. Deu-se ao luxo, algumas vezes, de fazer classe. Nunca, porém, incorreu no mais leve deslise, pontificando como a figura exponencial da defesa lusa e de toda a partida. Confirmou as grandes atuações do campeonato brasileiro.

II

JULIO — Teve bons e maus momentos. Estes, porém, foram em pequeno numero e aqueles de tal forma empolgantes que bastaram para classificá-lo entre os mais destacados da peleja. Chegou ao maximo no inicio do segundo tempo, quando passou por Eli e Jorge como bem entendeu. O centro-medio às tantas perdeu a paciencia e quis atingi-lo deslealmente, mas não o conseguiu, porque Julio quando se empolga torna-se um espetaculo. Os torcedores paulistas, que não o haviam visto no Maracanã, tiveram uma idéia de suas atuações naquelas memoraveis partidas contra a seleção carioca. Se tivesse havido continuidade na sua ação, ninguem lhe tomaria o lugar de honra, mas Julio parou algumas vezes, ou por não ser lançado, ou por qualquer outro motivo. Marcou um tento muito bonito e redimiu-se, no Pacaembu, daquelas incriveis partidas na seleção, quando chegou até a ser vaiado.

III

ADEMIR — Dizem, de Ademir, que está em decadencia. Não concordamos com essa opinião. Para nós, o que se passa é que tem lutado praticamente sozinho, sem assistencia dos companheiros. Elemento de grande capacidade na area, precisa ser lançado em profundidade e de primeira, a fim de que suas deslocações inteligentes possam ser aproveitadas. Com Eli apoiando mal, a tarefa dos avantes fica dependendo dels proprios e na partida de domingo é preciso lembrar que os dois ponteiros nada fizeram de util. Nas vezes em que foi lançado por Ipojucan, Ademir fez valer sua velocidade e criou serios e continuos embaraços à defesa lusa. Marcou um gol como só ele sabe marcar, atirando em plena corrida, de esquerda e sem angulo. Conserva a eficiencia que fez com que fosse apontado, com justiça, entre os maiores do Brasil.

IV

IPOJUCAN — A aparente lentidão de Ipojucan engana os observadores. Parece frio, parado no terreno, mas essa impressão, muitas vezes, decorre da facilidade com que arma os lances. Excepcionalmente inteligente, possuindo reflexos rapidissimos, Ipojucan é utilissimo no meio do campo. Seus passes são sempre perigosos, porque vão encontrar o companheiro desmarcado. Pelo que fez ontem tivemos uma idéia de suas possibilidades num conjunto armado, homogeneo. Não é só na retaguarda, porém, que o meia vascaino aparece. Costuma ir à frente, acompanhando as evoluções do ataque e então prevalece sua capacidade de arremate. Não usa a violencia, mas atira firme, com pontaria. Fugiu sempre da marcação de Brandãozinho e isso por si já basta para valorizar seu desempenho. Fez o que era possivel, numa peleja em que o adversario chegou ao maximo.

V

PINGA — Está quase no mesmo caso de Ademir. E' um atacante que depende do trabalho dos companheiros de retaguarda. Vigiadissimo, procurou sempre dar desempenho às suas funções. Sempre que foi bem lançado soube aproveitar as oportunidades, arrancando com violencia por entre os adversarios. O que nos chamou a atenção, particularmente, foi a sua valentia. Antes Pinga era um elemento que evitava o jogo viril, prejudicando-se por isso. Agora, não! Aceita os "entreveros", mesmo quando se trata de enfrentar Eli. Poderia ter alcançado melhor cotação, não fôra algumas fintas inuteis que andou aplicando contrariando seu estilo. Pinga não deve driblar para trás. Ao contrario, deve objetivar sempre a função rapida, em "rush", precisamente o lance em que é especialista. Fez valer sua condição de artilheiro e demonstrou a boa forma em que se encontra.

Proverbio da semana

O DIABO NÃO É TÃO FEIO COMO SE PINTA

Quem vê Eli fora do gramado não faz idéia de como ele é capaz de se transformar dentro do quadrilatero do campo de jogo. Isso podemos afirmar sem receio de erro. Fala macia, delicado, responde a tudo que se lhe pergunta com a maior boa vontade. E, confessamos, às vezes, depois de vê-lo na cancha, dá até receio de se puxar conversa. Entretanto, se é manso nos vestiarios, se tem um falar que chega a ser agradavel, não queriamos tê-lo como adversario na cancha. Julio é que pode dizer bem como ele age no futebol. Julio e Pinga.

Mas, vocês viram o que aconteceu no domingo? Viram como Eli "bailou" em grande estilo no segundo tempo? E isso já se tinha dado nas duas partidas finais do Campeonato Brasileiro no Maracanã. É verdade que procurou "acertar" uma daquelas, capazes de botar para fora do jogo qualquer mortal! Todavia, quando o movimento é grande, quando o lance, pela rapidez, ultrapassa até o pensamento, Eli não encontra nada, nem a perna, nem a bola. Aí, se enfurece e é o diabo! No Pacaembu, no primeiro periodo da peleja, chegamos a estranhar. Parecia até o Eli dos vestiários, pois parecia com o intuito de "jogar limpo". O pior, porem, estava por vir, naqueles instantes em que ele procurava Julio e não encontrava. Ficava de costas para o seu campo, de frente para o da Portuguesa e... cadê o Julio? De longe, bem que sabiamos o que estava se passando. O medio estava começando a se "enfezar", a fechar a cara e a pretender fechar o campo. Mas, o negocio é que ele não podia adivinhar o que estava vindo. E, talvez, por isso, talvez porque já tinha ficado bonzinho demais, surgiu o verdadeiro Eli, aquele que é louco por umas canelas. Tantas deu e outras tantas acertou... no vento. E, para culminar, veio aquele repetido "banho de cuia", com duas ou três fintas seguidas por cima da cabeça. Era saltar e não ver a bola, era olhar e não ver Julio. O extrema precisa esconder-se bem é no Maracanã, embora o médio já esteja bem desmoralizado com o "baile" que levou. Por outro lado, é bem capaz de não fazer nada, de ter o intuito mas não apanhar a canela. Mesmo porque, parece demonstrado, o "diabo não é tão feio quanto se pinta". Pelo menos, não tem sido ultimamente.

GANHOU O ATAQUE AS HONRAS DA VITORIA

Prova dos nove da superioridade do futebol paulista – O Vasco não era o vingador, mas se pudesse bem que desejaria ter sido – Santos às vezes pretende imitar Noronha – Pinga só é Pinga quando "arranca" do terreno para fintar na velocidade – Subversão de um estilo que remonta aos tempos de Guanabara e Arturzinho – O Vasco, porem, não deixou a Portuguesa dormir – Futebol de alta qualidade, no primeiro tempo – Julio escalou Eli para o baile costumeiro – Descontrolados, os vascainos deixaram de pensar no placarde – Motivos de sobra para a exaltação dos torcedores, mas houve tambem motivos para criticas – Muca não tem o direito de errar – Maneca, Ademir e Ipojucan tiveram muita liberdade – Renato precisa pensar mais depressa – Chegou o equilibrio; cuidado, porem, com a mascara

O futebol paulista viveu domingo mais um de seus grandes dias, com a vitoria da Portuguesa de Desportos contra o Vasco. Em vista de militarem varios "scratchmen", nos dois conjuntos, a partida assumiu, para os torcedores, aspecto de miniatura das finais de campeonato brasileiro, e, de certa forma, era encarada como o remate, pelo menos como a prova dos nove da superioridade do futebol bandeirante. E a Portuguesa venceu! Venceu bem, com plena autoridade, contra um adversario que teve o merito de não se entregar. O Vasco — seus dirigentes tiveram o cuidado de deixar bem claro — não veio a São Paulo ocm a missão de vingador, mas como a vitoria lhe interessava, como sabia que todos os torcedores cariocas estavam de olhos postos nele, a espera de um bom resultado, reuniu todas as suas forças para lutar leoninamente. Duas vezes a Portuguesa de distanciou, no marcador. Outras tantas o Vasco reagiu e esteve a pique de equilibrar o jogo. Nada conseguiu, no final das contas, mas é bom que se diga que não foi por demerito seu, mas pelo valor do antagonista. Os lusos reunem recursos extraordinarios. Encontram-se, no momento, com alguns valores rendendo o maximo, e com toda a equipe entrosada, de moral forte, conscia de sua força e de suas responsabilidades.

CLASSE DEMAIS

Se houve algo a reparar na Portuguesa, foi excesso de classe em alguns periodos da partida. Marcou dois gols com incrivel facilidade, e ao ver o adversario dominado, ao ver como lhe saiam faceis as tramas, pretendeu ser quem não né. Subverteu o padrão, adotando um que não se coaduna com as caracteristicas de seus homens. Vimos então Pinga tornar-se um driblador. Santos parar a bola inutilmente e trocar passes laterais com os companheiros da retaguarda. Ceci afrouxar a marcação sobre Maneca, enquanto Ipojucan, livre tambem da pressão de Brandãozinho, manobrava com facilidade no meio do campo. Positivamente a Portuguesa, nesses momento, não era a que estamos acostumados a aplaudir. Não reconhecemos o Pinga nas fintas paradas. Ele só é Pinga quando arremete, quando "arranca" do terreno em rushs" violentos, arrazadores, para vencer os contendores na corida, para fintar em plena velocidade. Fora disso é arremedo. Santos é o dinamo, a decisão, a coragem e a fibra. Quando procura tornar-se classico, quando procura imitar Noronha, perde a personalidade e se apaga. Assim é todo o quadro luso. Criou para si um padrão inconfundivel, que persiste desde 1946, se é que não remonta a dias ainda mais remotos dos tempos de Guanabara e Arturzinho. Quando põe de lado a velocidade, não é a Portuguesa de Desportos.

REPLICA IMEDIATA

Felizmente para o espetaculo o Vasco se encarregou de acordá-la. Os 2 a 0 iniciais criaram, na partida, um clima de torpor, com os paulistas dominando mas sem aquele sentido de gol que se deseja. Foi quando o Vasco, a força de entusiasmo, quase de sacrificio, marcou o primeiro tento. Puro descuido da defesa local. Muca cobrou displicentemente um tiro de meta. Maneca, completamente livre no meio do campo, teve tempo suficiente para controlar, avançar um pouco e espichar para Ademir, tambem sozinho dentro da area. O "Queixada" passou por Nena, carregou-o para a lateral, passou tambem por Noronha e quando Muca pretendeu sair do arco, colocou rasteiro, quase sem angulo. Um gol de estilo, que foi muito aplaudido, mas que não teria existido não fôra o convencimento dos rubro-verdes. O feito de Ademir valeu como uma ducha frio no animo dos lusos. Sentiram-se ameaçados e acordaram, e isso foi o bastante para que passassem outra vez ao dominio amplo da luta. Não tardaram a se colocar novamente dois pontos na frente. O terceiro gol nasceu de um lance tipico daquela ofensiva. Deslocações, velocidade, pressão continua. Renato manobrou com Julio. Aprofundou-se, pela extrema direita, e atirou cruzado! Todo o ataque fechou e quando tudo parecia perdido, surgiu Nininho para empurrar a bola para as redes

Até o fim do primeiro tempo o panorama não mais se modificou. Lutou muito o Vasco, fazendo com que a Portuguesa para justificar os três gols, lutasse ainda mais, no evidente proposito de superar o adversario não apenas no marcador, mas tambem nos recursos fisicos e morais. Foram quarenta e cinco minutos de bom futebol, compensando a expectativa daqueles abnegados que, com chuva e tudo, la ficaram nas gerais e nas arquibancadas torcendo pelo futebol paulista. Nunca uma equipe de São Paulo se viu cercada de tanta simpatia. Era com se ali não estivesse a Portuguesa, mas sim a seleção paulista. Era como se do outro lado estivesse a seleção carioca, e como se o resultado representasse a ultima palavra na discussão sobre a hegemonia nacional. Há, mesmo fora desse aspecto, varias razões para o entusiasmo e o calor dos torcedores. Essas razões chamam-se: Julio, Pinga, Brandãozinho, Santos, Muca e Noronha, que foram figuras de realce no campeonato brasileiro e que domingo ali estavam com outra camisa mas com a mesma flama, o mesmo desejo de defender e honrar, na Portuguesa, o futebol de São Paulo.

NOVAMENTE EM BRIOS

A fase derradeira foi iniciada em camara lenta. Parecia que o Vasco estava conformado com o revés. Ademir e Ipojucan, que eram suas maiores figuras, abaixaram os braços no classico gesto de desanimo. Um acontecimento inesperado, porem, deu-lhes novas forças. Foi quando Maneca, chutando despretensiosamente uma bola, quase do meio do campo, marcou o segundo tento vascaino. Com três a dois, logo no inicio da fase, muita coisa poderia acontecer. Por um instante os visitantes reanimaram-se. Mas foi, de fato, apenas por uns instantes, porque a Portuguesa colocou-se novamente em brios. Acordou e tratou de garantir de uma vez aquela vitoria, que às vezes parecia tão facil e de repente se tornava problematica. Durante uns quinze minutos tivemos o melhor futebol da tarde. Inflamou-se o conjunto. Julio, revivendo suas ultimas tardes no Maracanã, escalou Eli para o seu "baile" costumeiro. Fê-lo dançar na corda bamba, e quanto mais os cariocas baixavam o pe, mais Julio bailava. E Pinga tambem. Todos enfim, mas com o ponteiro direito marcando a "quadrinha". Aos 4 Maneca marcou. Aos dez Nininho elevou para quatro a dois, e desde então a pressão lusa se fez sentir até o instante em que o Vasco, descontrolado e irritado, deixou de pensar no placard para pensar nas canelas dos adversarios. Era o sinal de nocaute. Nada mais pretendeu, porque viu que nada mais lhe seria permitido. Caiu então o nivel tecnico, chegando por vezes a uma frieza irritante, mas nessa altura a Portuguesa já havia feito o suficiente para provar, de modo irrefutavel, sua superioridade e a propria superioridade do futebol paulista. Não era preciso arriscar-se mais. Já estava concretizada sem discussão, mais uma vitoria de São Paulo no confronto com os cariocas, se por acaso ainda existissem alguns descrentes, é certo que acabaram acreditando naquilo que cada dia se torna mais evidente: a hegemonia está em São Paulo.

Escreveu Odim C. Brás

EXALTAÇÃO

Seis homens na seleção, nove no plantel da F. P. F. e uma vitoria como a de domingo servem certamente para justificar a exaltação dos torcedores lusos. A Portuguesa de Desportos, que já no campeonato do ano passado "pintara" com uma das mais poderosas do Brasil, está hoje colocada numa posição de destaque que jamais se observou na sua existencia. No ambito tecnico, naturalmente. Possui um plantel magnifico, onde a mocidade de Santos, Julio e Pinga se casa esplendidamente com a larga experiencia de Noronha e Nena. Estamos entre os que acreditam numa campanha excepcional dos lusos no proximo campeonato, mas combatemos a exaltação facil. Antes, procuramos apontar as falhas que inda existem. Contra o Vasco a Portugueza foi grande. Tanto maior porque soube encontrar-se, nos momentos decisivos, para fazer valer sua superioridade. Matou, no nascedouro, todas as veleidades de reação do adversorio, para conduzir a partida a seu bel prazer. Fez mais, ainda, pois não se intimidou com a violencia proposital que no segundo tempo foi a tatica contraria. Mas, apesar de tudo isso, não esteve isenta de criticas.

A FALHA DE MUCA

Muca teve uma falha gravissima. Está certo que foi um acidente, um lance individual, independente do controle do conjunto, mas falhas iguais àquela não são permitidas a arqueiros de esquadrões de categoria. Não será demais pedir-lhe um pouco de atenção, um pouco mais de cuidado. Nena tambem, em que pese a firmeza mantida em quase todo o transcorrer da pugna, incorreu em alguns senões imperdoaveis. Muitas vezes "largou" Ademir, e numa delas, por não ter havido a cobertura de Noronha ou Brandãozinho, como das vezes anteriores, saiu um gol. Não houve maiores prejuizos, mas aquele gol de Ademir poderia ter influido decisivamente no panorama da luta, em outras circunstancias.

UM DOS MAIORES

O trio medio teve em Santos o maior homem, com Brandãozinho e Ceci em plano pouco inferior, mas igualmente prestativos e firmes. Devemos lembrar, entretanto, que o ataque do Vasco só existiu no trio final, ante a passividade de Friaça e Jansen, e que esse trio final, sozinho, construiu muito, muito mais do que devia ser permitido. Ipojucan e Maneca, alternando-se na frente e atrás, obtiveram demasiada liberdade, e facilitar assim poderá trazer, em outros logos, consequencias danosas. Os três medios abusaram, tambem, dos passes em sentido lateral, atrazando o jogo sem nenhuma vantagem. São particularidades que numa vitoria como a de domingo passam despercebidas, mas que poderão, amanhã criar um clima de instabilidade perigoso. Nessas coisas, sempre achamos que é melhor prevenir do que remediar. A Portuguesa, para se adjudicar o titulo do São Paulo-Rio, terá de vencer o Vasco no Rio. Facil? Não se creia nisso. Basta lembrar o que fizeram os vascainos na primeira partida, para que possa ter uma idéia do que farão no Maracanã. Lutam em desespero de causa. Estão na obrigação de evitar que a serie de vitorias dos paulistas continue, e é quase certo que não hesitarão em ferir de rijo a disciplina, se não conseguirem o objetivo dentro das normas de tecnica e da esportividade. Nessa hora, em que a Portuguesa lutará pelo empate, precisará ter em cada homem da retaguarda um marcador solerte, energico e preciso. As facilidades que Ceci concedeu a Maneca, e que Brandãozinho concedeu a Ipojucan, não poderão ser repetidas.

O ataque está bem. Apenas Renato precisa pensar mais depressa. Custa a engendrar o lance, prejudicando com isso a velocidade de Pinga e Nininho. Aí está: há reparos a fazer nos três setores do conjunto. Reparos leves, que quase desaparecem ante o elevado moral de todos os homens mas que nem porisso devem deixar de ser feito. A Portuguesa de Desportos pode, com justiça, ser apontada entre os maiores do Brasil. Adquiriu consistencia. Ganhou, enfim, o equilibrio que lhe faltou em outras campanhas. Não se perca, porem por excesos de confiança, nem pretenda ser quem não é.

VALERIA A PENA?

A torcida paulista pouco conhecia Ranulfo. A verdade é que o meia americano tinha muita fama, mas fama não confirmada inteiramente. O São Paulo andou perseguindo insistentemente o referido jogador. Sua contratação esteve por um fio. Agora, porem, Ranulfo perdeu o cartaz. Sua presença, na seleção carioca, só lhe foi prejudicial, pois foi amontoando atuações negativas, ao ponto de ser afastado por Zezé Moreira, que tão inimigo é de alterações nas equipes que orienta. Nada fez Ranulfo, nem em Minas contra os mineiros, nem em Maracanã contra os mesmos, nem em Pacaembu contra os paulistas. Lento, sem reflexos, quase apatico mesmo, não justificou o cartaz que o precedera. Talvez esteja fora de forma e seja, de fato, um profissional valioso.

SELEÇÃO DAS FINAIS DO SÃO PAULO - RIO



Muca

Teve aquela falha clamorosa do segundo gol do Vasco, mas, mesmo assim, esteve em plano muito superior a Ernani. Teve oportunidade de, em ambos os periodos, aparar bolas perigosas, saindo do arco com certa precisão. Na fase inicial, aliás, demonstrou presença de espirito num chute longo e cheio de perigo de Maneca, agindo com acerto, pois se quisesse fazer espetaculo, talvez a bola lhe fugisse. Bom

Nena

Reapareceu Nena na equipe da Portuguesa, com uma boa atuação, em que pese ter deixado livre Ademir em alguns momentos. Justamente aí nasceram os lances mais perigosos para a meta de Muca, porque a cobertura não era perfeita. Entretanto, raros foram os duelos corpo a corpo perdidos por Nena com o famoso centro avante.

Esteve muitos furos acima de Wilson, que não passou de mediocre. Regular o seu trabalho.



Noronha

Até certo ponto reeditou as partidas do Campeonato Brasileiro. Firme na marcação a Friaça, em que pese tê-lo feito à distancia em certas ocasiões, superou nitidamente o extrema, que acabou inteiramente anulado. Ademais, admira-se no jogo de Noronha, o modo como larga a pelota, nunca o fazendo atabalhoadamente, mas endereçando passes aos companheiros em situação de receber o balão. Muito bom.

Santos

Santos é o maior !Com que firmeza ,com que segurança disputa todos os lances de um jogo! Para ele, tanto faz estar ganhando de dois, quatro ou cinco, a toada é a mesma. Não dá vez a ninguem e pobre do ponteiro que tiver a desgraça de fazer-lhe frente. Jansen desapareceu, como outros, antes, desapareceram. Simplesmente notavel o trabalho de Santos, que alcançou um dos melhores postos dentro do campo.

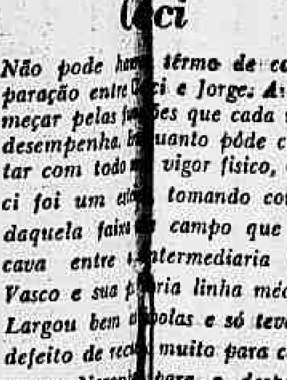


Brandãozinho

Eli realizou boas e más jogadas, perdendo sem discussão o posto para o centro médio da Portuguesa, que agora parece bem entrosado no serviço de marcação atrás. Vimo-lo assim no certame nacional e no jogo ante o Vasco da Gama, quando teve que lidar com um Ipojucan em tarde de boa presença. Mas, Brandãozinho não ficou diminuido no gramado. Ao contrario, venceu vários duelos com o meia esquerda ,inclusive pelo alto.

Ceci

Não pode haver têrmo de comparação entre Ceci e Jorge. A começar pelas funções que cada um desempenha. Enquanto pôde contar com todo o vigor fisico, Ceci foi um [illegible], tomando conta daquela faixa do campo que ficava entre a intermediaria do Vasco e sua propria linha média. Largou bem as bolas e só teve o defeito de recuar muito para convocar Noronha para o despejo. No mais, saiu-se com firmeza.





Julio

Eli já deve andar cheio. Ultimamente, em todas as partidas em que toma parte, tem que lidar com a esperteza de Julio. E sempre tem levado a pior. Foi assim no Maracanã e agora no Pacaembu. No periodo complementar, então, Julio deu verdadeiro "baile" em Eli e Jorge, constituindo-se num dos melhores homens do quadro luso e do gramadô. Jogando como está, não tem competidor em todo o continente. Magnifico.

Maneca

Maneca ficou bom depressa. Há oito dias atrás, estava sem condições de jogo, mas reapareceu no onze do Vasco e realizou boa partida. Ganhou longe o posto de Renato, principalmente porque procurou armar o seu quadro, indo atrás para apanhar a bola e conduzindo-a no apoio à ofensiva. Teve, alem do mais, a grande sorte de marcar o segundo gol do Vasco e, sem ser o grande de antes, apresentou-se em ritmo regular.





Ademir

Nininho lutou e correu muito e marcou dois gols par a Portuguesa. Mas, Ademir é nosso preferido. O seu jogo de deslocações, sem bola, é de desnortear e suas fugas representam um perigo para qualquer defesa. Sozinho muitas vezes, é capaz de entrar na area e marcar, como aliás fez abrindo o escore para o Vasco. Grande jogador, sem dúvida, é Ademir, embora só agora esteja mostrando o que vale aqui em Pacaembu.

Ipojucan

Pareo dos mais dificeis o da meia esquerda. Ipojucan e Pinga o disputaram palmo a palmo e a escolha recaiu no vascaino porque consideramos que ele não pôde contar com o apôio que teve o luso. Sem ponta a seu lado, com Eli muito recuado, Ipojucan teve que se virar em todos os cantos e demonstrou uma qualidade até então desconhecida: a de lutador. Colaborou no que lhe foi possivel e seu trabalho pode ser classificado como muito bom.



Simão

O extrema luso ganhou folgado a posição de ponta esquerda. Jansen foi uma nulidade completa e não se poderia siquer compará-lo a Simão. Aliás, este foi muito melhor no primeiro tempo, com bom jogo de conjunto com Pinga, decaindo um pouco no final, talvez receioso do excessivo vigor de Belini e Lola. Tem muita classe e pode melhorar de produção ainda mais, de modo a formar a grande ala esquerda que os lusos sabem possuir.

LEITURA PREJUDICADA PELA ENCADERNAÇÃO

FRIAÇA RAIVOSO:

ACERTAREI CONTAS COM RENATO NO MARACANA

"Topo qualquer parada", declarou o ponteiro vascaino — Para Lola, Muca salvou a Portuguesa — A torcida paulista é de amargar — Museu de cera para o juiz — Muca queixa-se da infelicidade — Eli ofendeu Julio e Nininho tomou as dores — Elogios de Simão a Belini

MUNDO ESPORTIVO esteve domingo nos vestiarios do Pacaembu, ouvindo lusos e vascainos, após o jogo. Eis o que se colheu de mais interessante:

FRIAÇA NÃO VAI COMIGO

Renato foi o primeiro a ser abordado. Não se fez de rogado:

— **Sei que todos notaram o desentendimento que tive com Friaça, mas tenho a dizer que isso não é de hoje. Já na primeira partida, no Maracanã, quando empatamos, o ponta carioca mostrou claramente que não me "topava".** Deume uns ponta-pés maldosos, quando eu me encontrava sem bola. Aqui, continuou com a mesma intenção. E eu não tenho sangue de barata. Quando fomos advertidos, Friaça acabava de me atingir por trás, sem que o juiz visse. Ia ficar impune. De resto, não tenho queixas. O Vasco ainda é um grande quadro e vencê-lo é sempre motivo de alegria. Os seus melhores homens foram Maneca, Jorge e Lola.



INFELICIDADE MINHA

A seguir, perguntamos a Muca o motivo de seu aborrecimento, já que o grande goleiro luso era dos menos expansivos:

— **Agora, que tudo ia bem para** mim, vai acontecer uma coisa dessa. No gol de Ademir, procurei cobrir o angulo, quando o centro avante driblou Nena na corrida. Contudo, fui surpreendido pelo tiro, que partiu rasteiro, forte, inesperadamente por baixo e me venceu. Foi infelicidade minha. No segundo tento, novamente o terreno me traiu. A bola estava como sabão e não pude segura-la.

ELI OFENDEU JULIO

Nininho era o mais expedito. Trocava-se e conversava com muita ligeireza. Abordamo-lo, sobre uma discussão que ouviramos entre ele e Eli, na area vascaina:



— Foi por causa de um ponta-pé que ele tinha dado no Julio. Além disso, passou a ofender o meu companheiro e eu, como era natural, me queimei. Respondi à altura. No mais, posso dizer que a peleja foi muito dificil, apesar de nossa vitoria por 4 a 2. O Vasco, mesmo jogando mal, é sempre um grande esquadrão. Digno do mais serio respeito. Devemos ter muito cuidado quarta-feira, no Rio, embora eu **não julgue absolutamente impossivel uma nova vitoria.**

BELINI VAI LONGE

Assim se expressou Simão, quando inquirido sobre o jovem zagueiro vascaino:

— **Belini tem grandes possibilidades de se tornar um astro do futebol. Qualidades não lhe faltam e é ainda muito moço.**

MUCA SALVOU A PORTUGUESA

Lola estava descalçando as chuteiras quando o abordamos. Totalmente molhado, cansado e desanimado...



— Que tal o jogo?

— O jogo foi de igual para igual, creio eu. A Portuguesa mereceu ganhar se bem que tivessemos falta de sorte.

— Qual o maior da Portuguesa? — Muca, sem duvida. Salvou a Portuguesa de uns dois ou três gols pelo menos...

— E vocês, como atuaram? — Todo o mundo viu que não fomos bem. Gostei mais do Ipojucan. Na minha opinião, muito util.

— E o juiz, vai para o calvario? — Não, absolutamente. Gostei até. — E a torcida, que tal?

— A torcida a mesma de sempre. Torce para os seus, como é natural.

TORCIDA DE AMARGAR

Wilson foi o seguinte. Sentado calmamente num banquinho, saboreava uma laranja. Perguntamos:

— Sua opinião sobre o jogo. — Bom, muito bom, para o publico e para a Portuguesa. Para nós ruim, pessimo.

— Alguma queixa de algo? — Não, fomos derrotados limpamente. Nada há a reclamar.

— Quais a seu ver os melhores da Portuguesa e do Vasco? — Déles, todos bons, com destaque de Brandãozinho e Julio. De nós, todos maus sem destaque de ninguem.

—E que tal o juiz? — Muito bom juiz. Não errou, mas admitiu o jogo pesado. Aliás, para ele nada era falta, não reparou? Mas foi imparcial.

— E a torcida paulista? — Barulhenta, de amargar, mesmo...

MUSEU DE CERA PARA O JUIZ

Friaça queixou-se. Amargamente, de Renato e do juiz. Vejamos:

— Friaça, que houve com o Renato? — Ele anda me chutando há tempos, já. Mas eu topo qualquer parada. Sou homem aqui e em qualquer lugar. Veremos se em Maracanã ele tambem mete o pé. Até que vai ser bom.

— E o juiz, que tal? — Otimo, extraordinario, mas para um museu. Museu de cera, eis um bom lugar para ele."

LUIZINHO AINDA PODE ESPERAR

Quase desespero para uns, sorte em primeira mão para outros — O legado feliz do campeonato brasileiro - Muitos esperaram anos, outros apenas dias — O premio de "ultima hora" de Noronha — Julio tirou o grande bilhete na saida — Cabeção parecia ser o titular, mas Muca obteve a evidencia — A historia do campeonato trará maior recordação dos dois ultimos jogos — Baltazar, o campeão três vezes — Quase completa a lista do "cabecinha" — Helvio tirou o bocado de Mauro — E Antoninho? — Seria agora ou nunca

Um dos mais conhecidos ditados é aquele que diz que "quem espera sempre alcança". Entretanto, há os que esperam e, de tanto esperar, acabam desesperados. Outros, mais felizardos, só tem tempo de contar os meses, dias melhor dizendo. O campeonato brasileiro premiou muita gente que estava esperando há muito tempo, enquanto deu a outros um premio que ficou restrito a, no maximo, quinze ou vinte dias. Talvez até menos, como no caso do arqueiro Muca. E' verdade que a esperança existia em todos, mas, para uns, esta talvez fosse a ultima chance. A esses principalmente a felicidade premiou na hora "H", quiçá nos ultimos instantes da carreira.

O confronto ou, melhor dizendo, o contraste, entre os felizardos de "ultima hora" e os de "primeira mão" é dos mais interessantes. Por exemplo: quantos anos lutou Noronha por um titulo brasileiro? Só em São Paulo cerca de nove anos. Julio, ao contrario, saiu do Juventus, quase desconhecido, foi internacional, em campos europeus, campeão Panamericano e, em menos de dois anos, abiscoitou o titulo maximo do Brasil. Bom começo, não há duvida, enquanto pergunta-se: terá Noronha encerrado sua gloriosa carreira com o titulo que, de tanto esperar, já estava dando para desesperar? Só o futuro dirá.

.....:::.....

Quando, em 51, se comentavam as partidas do campeonato paulista, um nome, entre os goleiros, vinha logo à baila. Era Muca, que, em tão pouco tempo, se firmara definitivamente. De Jacarezinho para a Europa, São Paulo depois, sempre grande, empolgando. O prestigio viera mais depressa que o de Cabeção, mesmo sabendo-se que este fora campeão Sul-Americano amador no Chile. O cetro brasileiro veio para o goleiro da Portuguesa em pouco menos de cinco dias. Entrou no quadro numa quarta-feira, talvez até contando com a desconfiança de muitos e obteve-o jogando no domingo seguinte. Cabeção fez três jogos, mas, seja porque motivo for, a torcida lembrará muito mais, quando se contar a historia do torneio nacional, as duas partidas finais do Maracanã. Aí, Muca terá sempre mais evidencia, porque esteve em campo, porque passou por todos os momentos bons e maus das lutas. Outro contraste! Cabeção ganhou tambem o titulo, com três jogos, mas Muca esteve presente nos dois ultimos. E, como se ganha sempre é a ultima batalha, ofusca-se um pouco o nome do corintiano, projeta-se mais o do craque luso. O futebol e seus eternos caprichos!

.....:::.....

Baltazar é outro exemplo tipico de como a sorte, quando quer, vem de "avião a jato". O que conseguiu de maior nestes ultimos anos? Um torneio São Paulo-Rio e um titulo de vice-campeão do Mundo, assim mesmo só tomando parte em um unico jogo. A "escrita" começou em 51, mas o ano de 52 é que foi verdadeiramente o "ano da sorte" do cabecinha. Em 52 foi que terminou o campeonato paulista, com aquela consagração matinal após a partida com o Guarani. Depois, o Panamericano.

Antes, aliás, estivera a pique de alcançar novo titulo no São Paulo-Rio, mas fraturou o malar e o Corintians perdeu para o Botafogo. Quando voltou, foi com fome de bola e o Bangu e o Fluminense pagaram tributos pelo que não fizeram. Essa foi a grande chance para o internacional do Chile, porque Zezé viu e gostou. Campeão das Americas e campeão brasileiro, aos quais se deve juntar o titulo bandeirante. Tambem, quantos anos esperou? Muitos, mas foi o que teve o melhor premio, embora Cabeção tambem o tenha conseguido igual. Mas, sem jogar no Panamericano e entregando a Muca o posto no Brasileiro. Só lhe falta ser campeao mundial e isso Flavio Costa não quis. Quase completa a lista do centro avante!

.....:::.....

Helvio tambem tirou o bocado de Mauro. Ambos são grandes zagueiros, mas o santista projetou-se no Brasileiro muito mais que o sampaulino, porque este não soube "agarrar" a chance que lhe foi dada. Uma coisa é jogar, outra é olhar o jogo. Nas quatro partidas que realizou, Helvio foi simplesmente notavel, a ponto de ofuscar o nome de Mauro. Espera relativamente pequena para ambos, embora Helvio estivesse lutando por um lugar ao sol há muito mais tempo. Compensou, pois foi o primeiro titulo de sua carreira, enquanto Mauro já possui um continental.

.....:::.....

Perde-se a conta dos titulos que Antoninho buscou. Subia e descia com a mesma frequencia e seu caso é quase identico ao de Noronha, embora este tenha sido campeão paulista, coisa que Antoninho nunca alcançou. Em 50, esteve a pique de ganhar o titulo para São Paulo, mesmo sem jogar nas pelejas finais. Foi, porem, em 52, que chegou o seu ano de sorte. Igualou-se a Helvio, mas esteve esperando há muito mais tempo. Durante o certame, muitos lembraram Luizinho, mas este pode esperar. A sorte era para Antoninho, o premio a tanta luta, a tantos anos de espera! Antes tarde que nunca!

DRAMA DOS VESTIARIOS

O Vasco perdeu, e, se bem que o ambiente entre tecnicos e reservas era de queixa, por falta de sorte, os vestiarios cariocas estavam muito sossegados, com apenas os queixumes costumeiros que não podem faltar nas derrotas.

Notamos, principalmente, o tecnico Gentil Cardoso fazendo questão de ir de jogador em jogador, animando-os, com o estribilho tão conhecido: "Não foi nada, pessoal, falta de sorte. Quarta-feira vai ser diferente". Depois, o tecnico carioca dava instruções a cada craque sobre a maneira de corrigir os defeitos apresentados na partida. Amilcar Giffoni, o medico do Vasco, era quem mais preocupado parecia, pois alguns dos elementos do plantel cruzmaltino estavam contundidos. Ademir exibia ferida profunda na perna esquerda, e não eram poucos os curiosos que o rodeavam. Afinal, tratava-se de uma perna de importancia no Brasil... Sempre que clubes cariocas jogam e perdem no Pacaembu, pessoas que ninguem sabe quem são e que acompanham a delegação, gostam de excitar os animos. Desta feita, não faltaram, tambem. Um cidadão que torcera desesperadamente desde o banquinho de reservas achou de protestar em linguagem pouco recomendavel contra a atuação do juiz inglês. E para finalizar, disse: "Este juiz já foi bom mas agora, para mim, é porcaria".

Mario Americo, o inexplicavelmente famoso massagista do Vasco fazia as honras da casa, distribuindo limões e refrigerantes, enquanto entre os jogadores o unico que protestava de tudo e contra tudo era Eli, que se queixou de jogo brusco. Engraçado...

Quando iamos nos retirando, em vista da normalidade, ouvimos Ernani comentar: "Frango, aquilo? Ora, eu só vi a bola quando estava dentro..." Ipojucan, sempre calmo, sempre de bom humor, o consolava: "Qual frango, qual nada!

Nada de extraordinario se notava nos vestiarios dos lusos, a não ser a alegria natural da vitoria. Todavia, tinha-se a impressão que o sucesso já era esperado, pois se houve sorrisos e congratulações, os saltos e os brados euforicos estiveram ausentes. Jim Lopes trabalhava infatigavelmente, atendendo a verdadeira legião de cronistas que lá se encontrava, ao mesmo tempo que ia de jogador a jogador, perguntando se tudo correra bem e se havia contusões. Dava, tambem, instruções sobre o embarque para o Rio, que se daria na segunda-feira, às 14,30. Ceci, um pouco abatido pela contusão que sofrera, fez questão de frisar que nada de maldoso houve por parte do adversario, não pasando de um choque casual. No outro lado Renato mostrava as canelas, cheias de "carinho", enquanto Muca, de todos era o que menos expansivo se mostrava.

Julio, abordado pela reportagem sobre a impressão que sentira, por voltar a se apresentar em São Paulo, disse que fôra a mesma de sempre. Queixava-se de Eli, mas explicava que ficara quieto, não procurando o revide porque, acima de tudo, gosta de praticar o futebol limpo, sem outras intenções. Aos poucos, o vestiario se esvasiou, na mesma calma e quietude com que se enchera. Não houve absolutamente o reboliço, a multidão de fans que costuma estar presente nessas ocasiões.

GANHA FISIONOMIA O SÃO PAULO

Sabe-se que uma equipe não se forma da noite para o dia, e que todo técnico precisa de tempo para organizar devidamente um esquadrão capaz da indispensavel regularidade que se exige. Parece que o São Paulo F. C., após um longo periodo de incerteza e principalmente de heterogeneidade está se encontrando a si mesmo. Pelo menos seus três ultimos resultados assim fazem supôr. O tricolor vinha jogando deficientemente, denotando males que pareciam dificeis de remediar e trazendo a inquietação e desconfiança a sua torcida. Mas seguiu uma orientação certa, e, através de continuos amistosos, tornou-se possivel observar detidamente o que tinha de errado. E, finalmente, após uma fase que nada teve de atrente, os frutos começam a ser colhidos. Já são três bons resultados seguidos alcançados pelo quadro do Canindé, contra o Santos, contra o Américo, e finalmente anteontem contra o Botafogo de Ribeirão Preto.

O Botafogo tem uma equipe respeitavel, muito principalmente quando joga em casa. A visita do São Paulo foi pois uma autentica prova de fogo para o esquadrão tricolor. E esse desta feita confirmou. Jogou um futebol baseado antes de mais nada no dominio das ações ofensivas e defensivas, mas um dominio seguro, sólido, que sempre lhe permitiu encarar a partida com tranquilidade. E, como sempre sucede quando um quadro consegue se impôr de tal maneira, a linha média foi a responsavel pela atuação destacada. Quando três craques se reunem numa mesma peça as consequencias só podem ser das mais agradáveis. Bauer, Rui e Alfredo foram os esteios principais da equipe sampaulina, a deter o impeto contrario e a fazer partir de seus pés, um a um, todos os ataques mais sérios do tricolor à meta adversaria.

O Botafogo jogou no peito, na coragem e entusiasmo naturais de todos os jogos entre interioranos e grandes clubes da Capital. Mas para vencer o São Paulo jogando bem seria preciso ou contar com muita chance ou então possuir uma dose de classe que os locais não conheciam.

O gol conquistado por Teixeirinha, no primeiro quarto de hora, foi um motivo ainda maior de confiança por parte do quadro da Capital. Jogando melhor e contando com uma vantagem numerica, que, se bem que pequena, existia, o São Paulo pôde ritmar ainda mais o jogo classico, que contou desta feita com uma atuação positiva da linha de frente. O São Paulo vinha se ressentindo de um melhor entendimentos e penetração na sua vanguarda. Previa-se, porem, que quando Moreno e Albella começassem a jogar mais à vontade o rendimento geral seria outro. E os dois argentinos estão já mostrando o bom futebol que têm nos pés. A linha, jogando com mais desenvoltura, permite um desafogo maior à defesa, que ultimamente estava sobrecarregada.

O retorno de Rui, qual filho prodigo, após tanto tempo de ausencia, deve ter sido, por força, benefico ao quadro sampaulino. Seu entrosamento com Bauer, sua cobertura mutua, estavam fazendo falta. E contra o Botafogo, foi possivel aos admiradores da dupla rever aquele jogo eficiente e bonito que anos atrás tantas glorias deu ao Canindé.

A fratura sofrida por Bauer, se bem que deva ser lamentada pelas suas consequencias logicas, não deve ser encarada com desespero pela torcida, pois Bauer é um jogador de personalidade, experimentado, perfeitamente capaz de recuperar-se moralmente ao mesmo tempo que fisicamente.

A saida do medio titular não acarretou dificuldades ao São Paulo, pois Pé de Valsa mostrou-se à altura de ser seu reserva, e o jogo continuou francamente favoravel ao tricolor, que, graças a um potente chute de Bibe assinalou já na fase final da peleja o segundo gol. Este tento serviu não só para assegurar o triunfo, como tambem para lhe dar mais justa expressão, pois pelo que fez em campo, o São Paulo mereceu mesmo uma contagem mais elevada até.

Tudo faz crer que o São Paulo, a partir de agora, irá se firmando paulatinamente. A equipe começou a render de acordo com o que dela se esperava. A linha de ataque perdeu aquela irritante esterilidade. A defesa e a linha media cresceram ombro a ombro, e a campanha de 52 pode ser tão brilhante como a de anos anteriores, quando o São Paulo era uma maquina de jogar futebol que não respeitava adversarios.

IDOLOS DA TORCIDA

Baltazar superou Luizinho no Corintians — Rodrigues reparte com Jair o coração da torcida esmeraldina — Bauer, cartaz nacional — Brandãozinho precisou quebrar tabús para chegar à seleção

Uma enquete entre os torcedores mostraria fatalmente que Baltazar, Rodrigues, Brandãozinho e Bauer, são, no momento, os quatro jogadores mais queridos em São Paulo. Efeitos da atuação desses valores na seleção brasileira e posteriormente na seleção paulista, e por aí se vê que levaram vantagem não excursionando, pois se Luizinho, Claudio, Jaior, Villa e outros conheceram novas terras e novos costumes, os que aqui ficaaram encontraram a chance de se projetar ainda mais, consolidando o prestigio e abrindo novos rumos para suas carreiras. Ninguem pode contestar que Baltazar é, atualmente, o jogador corintiano de maior cartaz, e o mesmo acontece com Rodrigues no Palmeiras, com Bauer no São Paulo e com Brandãozinho na Portuguesa de Desportos. São idolos autenticos, fincados em pedestais de ouro.

BALTAZAR

Houve um tempo em que Touguinha centralizava a atenção dos corintianos. Depois cedeu o bastão momentaneamente a Homero, o qual, por sua vez, foi desbancado por Murilo. Já em pleno campeonato Luizinho ascendeu espetacularmente, ao lado de Baltazar, e ambos continuaram disputando as preferencias da torcida. Na excursão do Corintians Luizinho continuou em plano destacado, tendo a companhia de Claudio, ao mesmo tempo em que Gilmar ressurgia, mas Baltazar, que aqui ficara, selou a sorte de sua carreira em Santiago e acabou de consagrar-se no campeonato brasileiro. Figura mais popular do futebol paulista discutido e sempre admirado, artilheiro de largas possibilidades, o "cabecinha" passou em popularidade os seus companheiros, atingindo o ponto mais alto de sua carreira.

RODRIGUES

Rodrigues foi conquistado a peso de ouro, mas custou a encontrar, no Parque Antartica, o ambiente de que necessitava para expandir-se. Alem disso, tinha a concorrencia de Jair, que polalizava a simpatia dos fans. Nos momentos de eventual declinio do prestigio do famoso meia esquerda, havia Villa para desviar a atenção. Finalmente, porem, chegou a grande oportunidade de Rodrigues. Elevou-se bastante no Panamericano da mesma forma que Baltazar, e completou o ciclo evolutivo no campeonato brasileiro, desbancando Jair e assumindo, de uma vez, a liderança dentro do seu proprio clube. Reintegrado no clima do futebol paulista, campeão brasileiro pela seleção das três cores, é o craque que mais de perto ameaça a popularidade de Baltazar.

BAUER

Seu prestigio é de ambito nacional, não havendo exagero em afirmar-se que tem mais cartaz no Rio do que em São Paulo. Na Copa do Mundo chegou ao maximo. Depois, sofreu longo periodo de depressão, sem chegar, porem, a perder a popularidade no seio da torcida tricolor. Habituou-se, por falta de melhores companheiros, a centralizar em si o jogo ofensivo e defensivo do seu clube, e esse defeito calou fundo no indice de sua produção, minando um pouco do seu prestigio. Esteve periclitante no Panamericano mas firmou-se, graças às lições de Aimoré, para recuperar no campeonato brasileiro sua posição junto à torcida. E', sem a menor duvida, o maior cartaz do São Paulo, em que pese a presença de Mauro, Rui, De Sordi, Alfredo, Moreno e Albella.

BRANDÃOZINHO

O centro-medio da Portuguesa de Desportos tem construido seu nome futebolistico à custa de perseverança e muitos sacrificios. Encontrou, sempre, a sombra de Rui e Bauer na seleção paulista, e na brasileira havia ainda Danilo para roubar-lhe as possibilidades. Mas não desanimou, até que no Panamericano, depois de ter estado durante dias na suplencia, empurrou Bauer para a esquerda e firmou-se como uma das nossas grandes figuras. Foi assim que chegou à seleção paulista, quebrando outros tabus. Mantido e prestigiado, continuou subindo sempre e hoje é o maior num quadro como o da Portuguesa, que conta valores de largo experiencia e fama. Mais regular do que Julio, mais efetivo do que Pinga.

COMO VENCI

"O campo, infelizmente, não deu margem a que se visse um futebol mais vistoso. Demasiadamente escorregadio, prejudicou a ação dos dois quadros. Todavia posso afirmar que poderiamos ter ganho por uma contagem mais significativa, que os 4 a 2. Estes, já satisfazem, é logico mas a nossa turma se acomodou, depois de estar vencendo por 3 a 1. Perdeu aquele impeto inicial em que se baseou na velocidade que tão bem explora. Daí, termos dado oportunidade para que o Vasco se refizesse, chegando a ameaçar empate. Das minhas instruções, nada posso adiantar porque, como você sabe, sou um profissional e tenho meus segredos. O quadro carioca, não rendeu o que pode e, apesar do revés de hoje, devemos esperar uma luta muito mais dura de sua parte, na quarta-feira. Os seus melhores homens foram Eli, como sempre, Ipojucan e Ademir. Adversarios de valor". Declarações do Jim Lopes.



PORQUE PERDI

"Há derrotas que a gente lamenta, e outras que soam de outra maneira. Confesso que lamento o resultado de hoje, pois tivemos, do primeiro ao ultimo minuto, tremenda falta de sorte, que acabou por roubar-nos um resultado que só poderia ser favoravel. Não digo isso para desmerecer a Portuguesa, que jogou um futebol bom tecnico, se bem que não possa ser catalogado de superior ao nosso. Houve equilibrio em campo, e não notei falhas fundamentais no Vasco. De onde só podemos concluir que houve pouca chance. Perder gols feitos, uma, duas, três vezes, acaba arruinando qualquer atuação, e foi isso que nos aconteceu em grande escala. Posso porém, afirmar uma coisa: No Maracanã vai ser diferente. Deveremos ganhar. Podem ter certeza que será preciso jogar uma terceira partida, pois amanhã estaremos iguais, após o jogo" — Impressões de Gentil Cardoso.



O PIOR DO VASCO



Jansen e Friaça foram os piores, essa é que é a verdade, mas o lugar aqui é para um só. E não podemos titubear. Damos o demerito ao ponta esquerda. Simplesmente horrivel, uma decepção das maiores. E isso não deixa de ser estranhavel, acostumados como já estamos com as boas atuações de Jansens, no decorrer do proprio São Paulo-Rio. Perdeu um tento certo, num verdadeiro presente de Ipojucan, arrematando muito mal, alem de, em outra jogada, apesar do impedimento em que se encontrava, ter arrematado para as nuvens o balão. Santos não lhe deu a minima chance, fintando-o à vontade e chegando a fazer classe à frente do ponteiro. Foi substituido com inteira justiça, pois nada fez no campo, perdendo todas as bolas que lhe foram endereçadas. Pessimo, simplesmente pessimo esteve Jansen.

O PIOR DA PORTUGUESA



Renato teve boas jogadas, é verdade, mas "dormiu no ponto" na maioria delas, principalmente naqueles instantes em que o jogo requeria velocidade. Perdeu-se justamente pelo que, de errado, fez nessas ocasiões. Parava, voltava sobre si mesmo e deixava que a retaguarda do Vasco marcasse. Tem a seu favor o fato da colocação, de saber-se firmar-se no terreno maneira a apanhar a bola quando rechassada. Entretanto, aí é que deveria ir para frente, remuniciar a ofensiva e nunca prender a pelota ou recuar os passes. Dentro do que pudemos apreciar na cancha. Renato foi o mais apagado do ataque luso e de todo o quadro, porque não repetiu exibições anteriores, porque nos acompanhou acelaradamente o ritmo que os companheiros procuraram imprimir. Irregular e aquem de discreto o seu trabalho.

PRINCIPAIS JOGOS DA SEMANA

RESULTADOS	FORMAÇÃO DOS QUADROS	MARCADORES	RECEITAS E JUIZES	FATOS IMPORTANTES	MELHORES JOGADORES
PORT. DESPORTOS .... 4 VASCO DA GAMA 2	PORT. DESPORTOS — Muca, Nena e Noronha; Santos, Brandãozinho e Ceci (Manduco); Julio, Renato, Nininho, Pinga e Simão. VASCO DA GAMA — Ernani, Belini e Wilson; Lola, Eli e Jorge; Friaça, Ipojucan, Ademir (Edmur), Maneca e Jansen (Ademir).	Pinga aos 5', Julio aos 9, Ademir aos 32 e Nininho aos 43 do primeiro tempo. No segundo, Maneca aos 4 Nininho aos 10.	Cr$ 583.445,00 — Juiz: Sidney Jones (regular).	O juiz deixou que o jogo transcorresse à vontade, deixando de assinalar inumeras faltas, inclusive uma de Friaça em Renato, sem bola.	Santos, Julio, Pinga, Noronha, Nena, Ademir, Ipojucan e Maneca.
S. PAULO .... 2 BOTAFOGO 0	S. PAULO — Bertolucci (Mario), De Sordi e Mauro; Bauer (Pé de Valsa), Rui e Alfredo; Alcino, Bibe, Albella, Moreno e Teixeirinha. BOTAFOGO — Fia, Alcides e Kelé; Diogenes, Nascimento e Itamar; Dorival (Roque), Helio Lucas, Cabelo, Roque (Nilo) e Baltazar.	Teixeirinha no primeiro tempo e Bibe no segundo.	Cr$. 125.000,00 — Juiz: Danto Rossi (Fraco)	Bauer, num choque com o ponteiro Baltazar, no primeiro tempo, foi retirado da cancha constatando-se depois fratura exposta no péroneo.	De Sordi, Mauro, Bauer, Albella, Bibe, Fia, Kelé e Itamar.
PONTE PRETA .. 0 SANJOANENSE . 0	PONTE PRETA — Ciasca, Derem e Salvador; Manuelito, Diaz e Rodrigues; Izabelino, Lanzoninho, Lauro (Paulinho), Bruninho e Sabará. SANJOANENSE — Lourenço, Valdemar e Carolo; Zé Coco (Valdomiro), Lupercio e Saraiva; Haroldo, Leonaldo, Benedito (Geraldo), De Paula e Moacir (Benedito).	Não houve	Cr$ 13.810,00 — Juiz: Valter Pereira Diniz	Muito equilibrio apresentou a peleja. Aos 38 minutos do segundo tempo, Lauro, da Ponte, cobrou uma penalidade maxima assinalada pelo arbitro, mas Lourenço defendeu.	Manuelito, Diaz, Lanzoninho, Sabará, Derem, Lourenço, Lupercio e Leonaldo.
XV DE PIRACICABA .... 3 XV DE JAU 2	XV DE PIRACICABA — Canarinho, Elias e Idiarte; Cardoso (Aedo), Tanga e Aedo (Adolfinho); Braguinha, Moreno (Xixico), Santo Cristo, Alvaro e Valter. XV DE JAU — Aldo (Pineli), Servilio e Rui; Geraldo, Enzo e Antenor; Guaxuma, Pinga, Americo, Torvilio e Afonso.	Xixico, Santo Cristo e Aedo para o XV piracicabano e Afonso (2) para o de Jau.	Cr$ 19.755,00 — Juiz: André Garcia (bom).	Os jauenses reclamaram contra o segundo gol dos piracicabanos, mas o arbitro, bem colocado, manteve a marcação.	Elias, Idiarte, Canarinho, Aedo, Braguinha, Santo Cristo, Servilio, Enzo e Pinga.
PALMEIRAS ..... 2 SAPRISSA 1	PALMEIRAS — Fabio, Rubens e Juvenal; Tulio, Gersio e Dema; Liminha, Moacir, Ponce de Leon, Lima e Sarno. SAPRISSA — Sanabria (Rene), Masis e Cordero; Valenciano (Manolo), Esquivel e Alex; Herrera (Mon), Lascaraz, Murilo, Macho e Leiva.	Ponce aos 27' e Sarno (penal) aos 34 do primeiro tempo. Rubens contra aos 38 do segundo.	Cr$ 400.000,00 — Juiz: Humberto Savorio (regular)	Os palmeirenses reclamaram a validade do tento do Saprissa, alegando que, ao ser cobrado o escanteio que originou o lance, a bola saira pela linha de fundo.	Sarno, Ponce, Dema, Juvenal, Fabio, Cordero, Sanabria e Murilo.

CURIOSIDADES

— A 25 de março de 1934 o São Paulo venceu o Santos por 4 a 3 em Vila Belmiro, após estar vencendo por 4 a 0. Luizinho 2, Hercules e Armandinho marcaram para o São Paulo. Negreiros, Raul e Logú marcaram para o Santos. Os ultimos minutos pertenceram ao Santos que por pouco não conseguiu o empate.

SANTOS - Athié, Arlindo e Baiú. Bisoca (Ary) Dino e Ramon. Negreiros, (Moran), Raul, Logu e Victor.

SÃO PAULO — José, Agostinho e Iracino. Raffa, Zarzur e Orozimbo. Luizinho, Armandinho, (Celeste) Fried, Araken e Hercules.

— oOo —

— A oito de abril de 1934 o America veio a São Paulo para enfrentar o tricolor paulista, em jogo noturno. A vitoria do São Paulo, foi facil, e por 5 tentos a 0. Não houve indisciplina no cotejo, que agradou pela magnifica atuação dos locais. Os gols sampaulinos foram feitos por: Waldemar 2, Luizinho, Hercules e Oscarino contra.

— A 13 de maio de 1934, Palestra e Portuguesa empataram por 1 gol. O Palestra cedeu o empate já no final da partida, quando vinha atuando melhor. A fibra da Portuguesa, porem, valeu pela reação e o tento alcançado permitiu que os rubro-verdes permanecessem invictos frente ao quadro do Parque Antartica.

PALESTRA — Aymoré, Carnera e Junqueira. Tunga, Navajas e Tuffy. Alvaro, Gabardo, Romeu Carnieri e Imparato.

PORTUGUESA — Batataes, Neves e Machado. Martelleti, Brandão e Gasperini. Sacy, Nico, Juba, Alberto e Reis. Os tentos foram assinalados por Imparato, para o Palestra e Juba para a Portuguesa.

MAXIMOS E MINIMOS

O MELHOR GOL — Dois seis gols o mais bonito foi o de Ademir. Lançado em profundidade, por Maneca, carregou Nena e Noronha para a direita e atirou cruzado, deixando Muca sem defesa. Impressionou pela velocidade e pela decisão do veterano atacante carioca.

O MAIS BELO LANCE — Depois de haver aplicado duas fintas sensacionais em Jorge, Julio foi energicamente acossado por Eli. Sofreu falta mas não perdeu a bola. Eli insistiu, metendo o pé. Julio então levantou a bola no joelho e encobriu o medio do Vasco varias vezes, até desmoralizá-lo por completo. Depois saiu calmamente para dar sequencia à jogada.

O MAIS DESLEAL — Lola foi um grande lutador. Apareceu com destaque, graças ao empenho com que se empregou, mas prejudicou-se descambando para a deslealdade. Procurou atingir Renato em lances que dispensavam perfeitamente tais excessos.

A MELHOR DEFESA — Coube a Muca este "maximo". Numa confusão surgida à boca da meta, a bola sobrou para Ipojucan que atirou forte, de poucas jardas. Muca não conseguiu segurar a pelota, mas rebateu-a espetacularmente, evitando gol certo.

O MAIS INDISCIPLINADO — Friaça tirou carta de valente, ou pelo menos de cafageste, contrariando o bom conceito que gozava entre a torcida paulista. Derrubou Simão acintosamente, com uma rasteira. Atingiu Renato com um pontapé sem bola e fez outras coisas assim, abusando da complacencia do arbitro. Qualquer outro juiz o teria expulsado.

A MAIOR PIXOTADA — Muca teve um "maximo" pela melhor defesa e, paradoxalmente, ganhou um "minimo" pela maior pixotada. Deixou passar debaixo de seu corpo uma bola morta, chutada por Maneca quase do meio do campo. Um frangão autentico, inesperado e chocante.

O QUE A TORCIDA NÃO VIU — Quando Friaça, depois de ter sido desarmado pelo Renato, aplicou-lhe um violento pontapé, o meia da Portuguesa deu-lhe uma bofetada na cara, que passou "raspando a trave". Se tivesse acertado, teriamos nocaute na certa.

O MAIS VIOLENTO — Jorge andou atrás de Julio o tempo todo, procurando acertar-lhe com violentos pontapés. Por causa disso chegou até a atingir Ernani, num lance em que Julio, esperto, saiu rapidamente da frente. Sem dar a entender, Jorge foi o mais violento jogador do prelio.

EMOÇÃO DA TORCIDA — As alternativas do placarde. A Portuguesa de Desportos quase foi alcançada duas vezes, depois de se colocar em vantagem por dois tentos. No segundo tempo Maneca marcou, aos 4 minutos, estabelecendo 3 a 2, contagem que não dava, evidentemente, para tranquilizar. Foi quando Julio investiu pela direita, passou por varios adversarios e centrou para trás. Nininho avançou e chutou de fora da area, com incrivel violencia, marcando 4 a 2. A torcida respirou aliviada porque naquele instante a Portuguesa acabara de consolidar a vitoria.

GENTIL COMENTOU:

ATÉ' PARECE EDIÇÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO...

Gentil Cardoso instalou-se comodamente no banco dos reservas, ao lado do dr. Amilcar Giffoni e do sr. Diogo Rangel, diretor de futebol do Vasco. Era a primeira vez que tinhamos contacto com Gentil Cardoso dentro de um gramado, e estavamos curiosos por ver como se portava...

— Percebeu-se desde inicio que era calmo. Bem mais que Zezé Moreira. Pelo menos sabia controlar-se e refrear os pensamentos, sem insultar os profissionais em campo.

— O primeiro comentario partiu do sr. Rangel: "Gosto do Jamsen pela sua fibra em campo. Corre em todas as direções. E' o mais esforçado".

— Gentil Cardoso, logo após a abertura da contagem, gritou: "Friaça, joga aberto, na lateral, tira o Noronha do centro!"

— O sr. Rangel é muito irrequieto. O reverso de Gentil. Gritava como possesso, e nada tinha de delicado. Se algum craque vascaino errava, lá ia insulto. Ipojucan isolou-se frente a Muca e chutou sobre o arqueiro. O diretor de futebol exclamou: "Que é lento já sabemos, mas isso também é demais!"

— Comentario de Giffoni, numa investida de Pinga: "Este rapaz é terrivel em bolas adiantadas"...

— Wilson andou como barata tonta em muitos lances. Gentil acabou se desgostando e disse: "O Wilson não marca ninguém. Fica parado no centro e nem cobertura sabe fazer. Que coisa!"...

— Quando Pinga e Simão, junto à linha das gerais, numa trama espetacular envolveram toda a direita da defesa vascaina, o sr. Rangel, perdeu a cabeça e gritou: "Deixam eles fazer o que querem... São idiotas mesmo!

— Ademir deslocou-se para a direita e pediu a bola a Friaça. Este, porém, não deu. Preferiu centrar. Gentil balançou a cabeça e disse: "Eles estão sabendo que quando o Ademir se desloca é preciso soltar-lhe a bola e fechar para o meio. Não sei porque não obedecem"...

— O terceiro gol da Portuguesa provocou queixas amargas sobre o golpe de vista de Ernani: "Golpe de vista é para os treinos, não em jogos de responsabilidade!"

— "Quem é que o Wilson está marcando? A grama?" (bufou enraivecido Amilcar Giffoni).

— Quarto gol luso. Desanimo, e perda das ultimas esperanças. O sr. Rangel grita, desesperado: "Ficaram que nem bobos vendo o Julio fazer toda a jogada! Até parece uma copia do Campeonato Brasileiro"...

— Quando Edmur entrou em lugar de Jansen, indo Ademir para a extrema esquerda, Gentil recomendou ao novato: "Joga no centro. Prende a bola, chama o Nena, e solta espichada na esquerda."

— Durante mais alguns minutos houve expectativa. Depois começaram as queixas contra o juiz. E finalmente, o silencio deprimente que se seguiu ao apito final do árbitro...

DUVIDAS NA INTERMEDIARIA

Procura o São Paulo a melhor formula para 1952 – Embora indeciso, De Sordi tem qualidades para se impor – Rui e Bauer e algo que fica faltando atrás – Qual dos dois jogará recuado? – Teixeirinha necessita ser mais preciso nos lançamentos

Tateia ainda o São Paulo, para a formação de sua melhor equipe para o campeonato de 52. Conta com varios problemas de importancia, para que passe a render harmonicamente em suas varias linhas. Um deles, em que pese a insistencia dos estudos e das criticas, perdura na linha media. Com o retorno de Rui, foi possivel avaliar sobejamente as possibilidades da intermediaria. Na zaga, De Sordi teve alguns cochilos, de pequeno jaez, porem, já que surgidos de intervenções inoportunas em lances esporadicos. O zagueiro direito, todavia, tem bom sentido de cobertura e demonstra ter classe suficiente para se impor, com o tempo. Já no trio medio o mesmo não se poderá dizer, pois a incompatibilidade de caracteristicas é evidente, formando com Rui e Bauer. Na formação atual do "ponta-de-lança" um dos dois medios tem de jogar recuado e ser muito mais preciso nos cortes e desarmes. Alfredo, neste ponto, é mais efetivo. Rui é um grande jogador. Um verdadeiro maestro. Aparece, no entanto, quando está com a bola nos pés e o seu quadro na ofensiva. Distribui, então, com uma visão extraordinaria, onde não faltam a maciez do trato à bola e a argucia dos lançamentos.

Quando acossada a defesa, Rui praticamente desaparece, porque é um jogador demasiado leve, que se atem muito comodamente à marcação por zona, incapaz de exercer severa vigilancia sobre homens vivazes que se desloquem com assiduidade. Em seu lado direito, há Bauer, que voltou do selecionado, onde seguiu à risca as instruções do tecnico, segurando novamente a bola em demasia. É interessante, aqui, frizar um ponto. Bauer se fez, pode-se dizer, ao lado de Rui.

Entrou no quadro sampaulino, ainda menino, figurando junto de autenticos craques, entre os quais brilhava intensamente a estrela de Rui. Não aprendeu, todavia, até hoje, a maneira mais eficaz de apoiar. A arguicia, a inteligencia, o apoio de longe de Rui, não tem um minimo reflexo na ação de Bauer, que ainda conta, para se impor, mais com a imponencia fisica. Não é perseguição que temos, para com Bauer. Apenas não compreendemos como, depois de tanto tempo de criticas, o medio ainda persista no erro. E chegamos ao ponto de levantar a hipotese de ir Rui para a direita, entrando Alfredo no centro. Isso, naturalmente, nunca se fará, porque Bauer conta com adeptos fanaticos do seu jogo improdutivo. Não se concebe, atualmente, em São Paulo, o fato de Bauer figurar como simples reserva. A experiencia, portanto, jamais se fará, em prejuizo do tricolor.

Apesar dos pesares, Rui conseguiu estabelecer maior contacto com os meias, quer seja Moreno ou Bibe, centralizando o jogo nos dois e impedindo que houvesse dispersão de esforço, principalmente por parte de Bibe, que nem sempre era encontrado dentro das funções que o quadro exige. Houve mais entrosamento entre o ataque e a defesa, justamente pelo empenho assiduo no jogo dos meias e mesmo de Albella, que recua para Moreno avançar. Na ofensiva, os ponteiros tambem demonstram defeitos, mas de menor importancia. Teixeirinha, quando recua para lançar Moreno, nos flancos, fá-lo quase que sempre, mal. Isso é minimo, porque a faixa de terreno é, de fato, estreita e um toque mal dado na bola faz perder o lance irremediavelmente, com a saida da bola pela lateral.

Maurinho é que nos parece necessitado de maior amadurecimento tecnico. Não tem senso de oportunidade. Chuta quando deve passar e passa quando deve chutar. Faltam-lhe moral e confiança propria, que lhe dê espirito de iniciativa e elimine a incerteza que demonstra em todos os lances. Tem em Bibe o companheiro ideal para formar uma dupla harmoniosa e um setor positivo. Deve ser objetivo das atenções de Feola.

AZAR DE BALTAZAR...

Não se trata, como a principio pode parecer, de um duelo entre os famosos campeões brasileiros. E' outro Baltazar, um que é ponteiro do Botafogo, de Ribeirão Preto. Ambos saltaram numa bola, e Bauer, ao cair, ficou no chão contorcendo-se em dores, ante o olhar espantado do modesto atacante interiorano, que não sabia o que pensar do que via. Bauer ali estava, com fratura exposta do peroneo e luxação do tornozelo, talvez inutilizado para sempre, e Baltazar chorava emocionado. "Não fui eu, juro! Por nada neste mundo machucaria um campeão brasileiro, um homem que acaba de nos dar tão grande alegria. Juro que não fui eu!" De fato, o lance foi acidental. Vale o registro, porem, por refletir, no desespero de Baltazar, a sinceridade de um homem simples e bom.

Ele é fã de Bauer. Respeita e admira os campões brasileiros. Talvez sonhe, nas noites mortas, com a conquista de um titulo igual. Não! Baltazar não faria aquilo de proposito!

VAMOS, DE SORDI

Desde 1949, quando Flavio Costa mencionou De Sordi como elemento à altura de figurar na seleção brasileira, o zagueiro piracicabano passou a ser alvo das atenções gerais. Não apenas dos torcedores, que aprenderam a admirar a sua segurança e a sua extraordinária capacidade fisica, mas tambem dos clubes, dos grandes clubes que ofereciam polpudas somas pelo seu passe. Esteve com um pé no Vasco, e foram horas tristes para a torcida, que não podia se conformar com a sua perda. Felizmente o São Paulo cobriu a parada e De Sordi ficou no futebol paulista. Não havia voz discordante: o futuro se lhe descortinava claro e promissor. No Canindé, porém, De Sordi experimentou maus momentos. Não por culpa do clube, nem da torcida. Tão pouco dele proprio, mas do destino. Ficou doente, teve de ser operado, e o tempo foi passando sem que a sua oportunidade chegasse.

A longa ausencia teve seus efeitos. Serviu, quando menos, para que o jovem craque adquirisse uma certa nostalgia, um estado de espirito que dificultou, ainda mais, sua ambientação. Não houve pressa, porem. Feola soube esperar, soube criar o clima propicio para a recuperação de seu novo pupilo. Aos poucos De Sordi foi melhorando e a prova disso está em que figurou no plantel da seleção paulista. Verdade que não chegou a jogar, mas não tem culpa se Santos está jogando desse jeito! No domingo de quinta-feira, contra o America, De Sordi reapareceu no Pacaembú, formando zaga com Mauro. Os torcedores, que o observaram cuidadosamente, por certo sairam satisfeitos. Indeciso ainda, titubeante em alguns lances, deixou porem à mostra a grande classe que possui. Nas coberturas, na velocidade dos seus piques, na firmeza que revela no jogo alto, sempre ficou patente a marca do craque. Falta-lhe ainda um pouco mais de confiança em si proprio. Um pouco daquela condição psicologica que fazia com que, em Piracicaba, ele sosinho paralizasse os ataques dos grandes esquadrões. De Sordi ia para a lateral e "matava" qualquer extrema, fosse Claudio ou Julio, Tite ou Rodrigues. Depois ia para o centro e fechava as portas da area para Baltazar, para Ponce de Leon, Nininho, para todos enfim.

Está a caminho de sua melhor forma. A torcida confia cegamente nele. A qualquer momento De Sordi se encontrará, e a partir desse dia o São Paulo pode dizer, sem medo de cometer exageros, que possui uma das mais perfeitas parelhas do Brasil.

JIM LOPES NERVOSO:

NÃO SEI PORQUE QUEREM FAZER CLASSE

Só depois de quinze minutos de iniciado o cotejo, é que Jim Lopes tomou assento no banco dos reservas. Todavia, tudo ia bem para a Portuguesa e os primeiros instantes foram de calma e silencio. O quadro se locomovia com grande presteza, praticando futebol rapido e pratico, que lhe garantiu um 2 a 0 que parecia folgado. Bastou, porem, que o quadro amolecesse, para começar a "lamuria", no cantinho luso. — Estamos jogando no "tico-tico". Assim não pode ser, não sei porque o ataque deixou de jogar em profundidade!

De fato, a Portuguesa cedera terreno e perdera o impeto inicial. A ofensiva recuara, deixando que a intermediaria vascaina começasse a dominar o centro do campo. Jim Lopes se mostrou muito descontente com essa situação.

— Fazemos classe, exibimos futebol! Isso não serve. Ainda temos muito jogo pela frente. Precisamos explorar a velocidade.

E assim por diante, gritando nervosamente, Jim Lopes batia quase sempre na mesma tecla, isto é, de que o quadro "parara", recuara desnecessariamente. Dos reservas, Lindolfo, Manduco, Leopoldo, Bota, Carlos, nenhum pio se ouvia. Apenas assentimentos a uma verdade que saltava aos olhos de qualquer um. Na altura do 38.o minuto, Khon Filho assinalou um impedimento inexistente de Simão, o que motivou o seguinte "desabafo" de um alto dirigente luso:

— E' um vagabundo, esse alemão. Onde é que ele viu essa infração?

A Portuguesa, contudo, marcou o 3.o tento, quando o primeiro tempo estava por terminar. Jim Lopes se acalmou, apenas fazendo observação para Muca, a fim de que o goleiro "segurasse" a bola, demorando para fazer a devolução. Gritou tambem com Nininho, que, aliás, não o podia ouvir, pois estava colocado no outro lado do campo. Queria que o centro-avante fosse de encontro à bola e não que ficasse esperando-a, propiciando, assim, o corte mais facilmente por parte dos vascainos. Mario Augusto Isaias chamou a atenção do tecnico, para o fato de haver dois ou três elementos do Vasco na marcação de Pinga.

No intervalo, batendo bola, Manduco comentava com os companheiros, os grandes "medalhões" do Vasco que se encontravam na reserva e apontava para Danilo e Augusto. Na segunda fase, a maior parte das exclamações do tecnico se dirigia ainda uma vez para o recuo improprio da ofensiva. Para Julio, recomendava continuamente que voltasse depois das invasões de area. E o ponteiro sempre procurou obedecer aparecendo muitas vezes no desarme dos adversarios. Para uma dessas instruções, mandou o massagista entrar no campo enquanto não se dava uma reversão de lateral. Carlos o fez, mas, chegando perto de Renato, segredou-lhe as instruções no ouvido e saiu correndo, ingenuamente.

E no mais, limitou-se Jim Lopes a chamar a atenção ora a Ceci, para a marcação, ora recomendando a Nena que não entrasse e sim somente cercasse, a fim de evitar o drible. Para a ofensiva, mandava a todo o instante que Nininho acossasse o guardião, nas devoluções e que Julio voltasse incontinenti após as excursões, não facultando o avanço para o marcador livremente. Terminado o encontro, fez-se a tradicional fila para os cumprimentos e só por parte de alguns é que houve maiores manifestações.

EVASÃO DE DIVISAS
SEM O MENOR PROVEITO TECNICO

Muito têm lutado o Fluminense no sentido de organizar um torneio internacional de futebol que lhe permita comemorar, condignamente, o seu cinquentenario. Louvavel a idéia, na sua essencia, pois é indiscutivel os proveitos que o intercambio, bem orientado, oferece ao nosso futebol. Acontece, porem, que na ansia de aplainar as dificuldades, o tricolor carioca se dispõe a fazer certas concessões que ferem diretamente a idéia original. Torneio de campeões, como o proprio nome indica, deve reunir exclusivamente campeões. O ideal seria que se conseguisse a participação de clubes campeões dos seguintes paises: Inglaterra, Italia, Austria, Espanha, Argentina, Uruguai, Hungria, Checoslovaquia e Brasil (Rio e São Paulo). A grande maioria desses paises, pelo que temos observado, não se mostra interessada no certame, e nesse caso o melhor é colocar a idéia definitivamente de lado, ao invés de ficar-se tentando "arregalos" de todas as especies.

Entre os que estão desistindo encontram-se os campeões da Espanha e da Italia (Juventus e Barcelona), sendo que os da Inglaterra e da Escocia nem siquer aceitaram os convites. Da Austria, Hungria e Checoslovaquia nem se fala, e assim o torneio perderia completamente a expressão, reduzido a clubes de inferior condição tecnica, como o Sporting, de Portugal, e outros. Há outro lado ruim, na disposição de fazer concessões revelada pelo Fluminense: é que os clubes que se consideram "chaves" aproveitam a ocasião para fazer exigencias, como é o caso do Racing, da Argentina, que não hesita em pedir 300.000 cruzeiros por partida. É um absurdo. Se temos vantagens, materiais e tecnicas, com a vinda desses clubes, é certo que eles tambem as têm, e talvez em numero maior, porque podemos oferecer-lhes compensações financeiras com as quais eles nem siquer sonham. Já se disse, com muita propriedade, que o Brasil é a Terra da Promissão do futebol universal.

Sem a participação de representantes dos paises citados (Inglaterra, Italia, Austria, Espanha, Argentina, Uruguai, Hungria, Checoslovaquia e Iugoslavia), o torneio não se justifica, e como se sabe ser dificil a vinda dos paises que estão na orbita de influencia da Russia, então o melhor seria, talvez deixar a iniciativa para outra oportunidade. Arranjos de ultima hora dão sempre em prejuizo, e se por um lado temos interesse em definir supremacias, por outro devemos zelar pelos interesses dos afeiçoados, que seriam inegavelmente lesados na histopotese de ser efetuado um torneio de expressão apenas relativa.

Outro aspecto ponderavel é o representado pela vasão de divisas que tal torneio representaria para o país, sem nenhum interesse de ordem tecnica. Eis no que devem meditar os dirigentes do Fluminense. O futebol brasileiro não precisa de estar fazendo concessões. Devemos ser mais altivos e impor a nossa vontade, pelo menos em casa. De torneio papa-niqueis, basta o ultimo sul-americano.

PODE E DEVE MELHORAR A SANJOANENSE

Retoques que o onze necessita — Defeitos e virtudes da equipe — Olegario continua sendo um elemento perigoso — Deve abandonar o jogo brusco — Erlan continua firme — O ataque ainda não se encontrou — Grandes valores individuais possue a Esportiva — Falta conjunto — Outros detalhes — Escreveu *Antonio Guzman*.

A Esportiva Sanjoanense iniciou o ano claudicante, a ponto de não se poder negar sua deficiencia. Suas primeiras apresentações revelaram certa frieza, causando preocupação. Mas, é evidente que ,a esta altura, está com o onze quase ajustado, bem proximo de atingir ao nivel de rendimento condizente com o valor individual de seus craques.

Ainda podem ser vistos alguns defeitos, mas vão sendo contornados. A melhora se opera gradativamente, de modo a não deixar dúvidas de que ,dentro de pouco tempo, teremos a Esportiva Sanjoanense com o quadro bem armado, rendendo o que realmente pode render. Nesta analise do quadro, cometeriamos profunda injustiça se deixasemos de reconhecer que os dirigentes da Esportiva Sanjoanense têm se esforçado sob o ponto de vista material.

Bastaria olhar as magnificas reformas por que passou o plantel, para justificar este ponto. Tambem é preciso convir que em 51 a Esportiva Sanjoanense foi vice-campeã, alcançando um titulo que somente possuira nos seus melhores tempos. Portanto, os mentores da Esportiva Sanjoanense ,estão fazendo uma administração feliz, magnifica mesmo, empregando seus maiores esforços no sentido de dar à cidade um representante à altura de suas tradições.

O clube não foi muito feliz no Torneio dos Finalistas, quando poderia ter rendido melhor. Extranhamos o sucedido, de vez que, durante o campeonato, os craques da Sanjoanense tiveram atuações muito boas, normais para o valor individual de cada um. Este ano, como frizamos, não teve o mesmo inicio, isto é, muito frio, deixando bem longe o quadro que bonita figura fizera no certame. Todavia, temos observado, melhora acentuada no conjunto, nestes últimos meses.

Acontece, porém, que a verdade que acima reconhecemos não exclue a necesidade de apontarmos algumas falhas no plantel, falhas essas que, em sua maioria, são reconhecidas pelos proprios diretores do clube, e que devem ser sanadas para beneficio do proprio quadro na futura campanha. A Esportiva Sanjoanense precisa de reforços para produzir em 52 o que esperam os seus associados e simpatisantes.

A situação não é de alarme. Um pequeno sacrificio comporta o momento, dado que está em jogo o prestigio do futebol de São João da Bôa Vista.

Achamos que a Esportiva deve traçar um plano de ação, envolvendo todos os pontos fracos, para não deixar viva nenhuma dúvida, capaz de prejudicar o esforço que já se nota.

Da analise do onze, posição por posição, chegamos a conclusão que frizamos antes. Ito é; algumas posições precisam ser renovadas, para que o quadro não sofra solução de continuidade durante o campeonato. Poderá manter o atual quadro, todavia, estará sujeito a tropeços inesperados.

Erlan sempre nos pareceu um bom goleiro, que inspira confiança. Nos recentes prelios da Esportiva o jovem arqueiro mostrou-se em perfeita forma. Poderá brilhar no campeonato. É uma das garantias do quadro. Gaucho (novo Belini) e Olegario, formam a parelha de zagueiros. Há, talvez, certo desequilibrio nesse setor, mas não se pode dizer que Olegario esteja comprometendo. Ao contrário, tem se saído muito bem. Entretanto, o seu jogo algo viril, tira parte do seu poder tecnico. Compromete, ás vezes, sua produção, unicamente porque prejudica a tecnica pelo emprego do jogo pesado. Lupercio, Zé-Coco e Saraiva, formando a linha média. Zé Coco continua firme, no entanto, sua forma atual não é boa, mas é de se crer que, com preparo adequado, voltará aos seus melhores dias. É um dos melhores valores na posição e, certamente, voltará a jogar dentro de suas caracteristicas. Os dois médios são regulares, sem contudo serem excepcionais. Não comprometem e tampouco assombram. Haroldo, Leonaldo, Terezito, De Paula e Laercio formam o ataque. Segundo informações da cidade ,os cinco elementos, a despeito de serem bons craques, não estão jogando o que deles era esperado. Haroldo não inspira maiores cuidados.

Poderá, dar conta do recado, desde que, ao seu lado, esteja Leonaldo, um valor de categoria, na sua melhor forma. Terezito, para nós, é elemento desconhecido. Vamos aguardar seus futuros prelios para aquilatar suas reais possibilidades. De Paula e Laercio, foram nos ultimos jogos da Esportiva ,o ponto alto do ataque.

Como vemos, com alguns retoques, poderá a Esportiva Sanjoanense brilhar novamente no Campeonato da Segunda Divisão de Profissionais.

Merece a Capital

ZÉ OSCAR

Quando o jovem avante ingressou no quadro principal do Atletico, existia certo receio de que não produzisse o que fazia nos quadros inferiores. Todavia, encontrou ambiente favoravel, não apenas no seio do clube, mas tambem entre os afeiçoados. Como frisamos, a principio, alguns torcedores mais exaltados consideravam improvavel sua permanencia no conjunto.

Porem, Zé Oscar não se impressionou com isso e, à força de persistir, tornou-se o titular absoluto, figurando entre Arlindo, Osvaldo, Tico e outros, como uma das esperanças do clube no campeonato. Dicisplinado e correto, impôs-se a admiração da torcida, que aprendeu a gostar dele. Pelas suas qualidades de artilheiro, jogador de grande presença dentro da area, poderia atuar com sucesso em qualquer equipe da Capital, sendo certo que se tornaria, em pouco tempo, um dos mais futurosos elementos.

GRANDE RIVALIDADE

No Interior, como na Capital, existe grande rivalidade entre alguns clubes. A tradição esportiva desses clubes, nessas ocasiões, está em jogo, surgindo então, jogos de grande envergadura. Quem lucra com isso é o publico, que tem oportunidade de assistir a bons espetaculos. São Paulo, de Araçatuba e Bandeirantes, de Birigui, no Interior, mantêm vivo o fogo da rivalidade. Tecnicamente, o quadro de Araçatuba é bem superior ao do Bandeirantes. Todav . às vezes a fibra indomavel dos rapazes de Birigui suplanta a melhor classe do antagonista. Assim se deu recentemente, quando o São Paulo caiu por 4 a 2. No primeiro jogo. realizado na cidade de Araçatuba, o quadro local venceu com dificuldades por 2 a 1. O São Paulo, como frizamos, é bem superior porque reune maiores valores individuais.

Seus dirigentes, dentro das possibilidades facultadas pelo clube, procuraram armar um quadro que represente condignamente o nome da cidade de Araçatuba. O momento comportava perfeitamente, um sacrificio, por maior que fosse. Seus associados confiavam na ação dos diretores e nas providencias que, afinal, vieram. Sabiam tambem que, para entrar na Divisão Principal, é preciso sobretudo que na direção do clube estejam homens de visão, capazes de orientar habilmente os seus destinos. O S. Paulo perdeu em Birigui. Todavia. fomos informados que todo o quadro do Bandeirantes, foi formado com jogadores de outros clubes. Tudo isso para vencer um jogo. Por que então, se providencia reforços capazes para que o Bandeirantes possa enfrentar, com seu proprio quadro, o seu maior adversario? Para o São Paulo, a derorta em absoluto lhe foi desonrosa. Ao contrario, mesmo porque o adversario jogou com um time "laçado" como se diz na giria. Ao Bandeirantes cabe nossa revolta. Mais honroso seria perder com o seu proprio quadro.

CONFIRMOU O INTERNACIONAL

Tivemos oportunidade de dizer que o Internacional, de Bebedouro, nos seus ultimos jogos estava se desenvolvendo num ritmo crescente. E foi o que sucedeu no jogo de anteontem.

Jogando mais ainda do que o fizera na semana anterior, o quadro de Lelis do Amaral, mostrouse mais firme e coeso, sendo que, sem exceção, todos os craques estiveram dentro do mesmo plano.

A inclusão de Edson, na intermediaria, deu outra fisionomia à defesa, que, agora, mostra-se firme, eis que o jovem centro medio vem revelando suas qualidades que o tornaram um dos melhores valores da posição em Minas Gerais.

Melhor ambientado, poderá melhorar, rendendo tudo que pode e sabe. Os demais valores, aos poucos, vão encontrando um rendimento condizente com o valor individual. O ataque, embora falhase muito nos arremates finais, não comprometeu. Vai assim, gradativamente, melhorando o Internacional, de Bebedouro, um dos mais serios candidatos ao titulo. Os esforços dos diretores do Internacional têm sido fecundo, do ponto de vista material. Bastaria um pequeno olhar para o quadro, para justificar esse ponto de vista. Houve remodelação, novas perspectivas, sinal evidente, de que, em Bebedouro, existem ainda os abnegados do esporte. Não existe negligencia.

RESPINGOS

● A Associação Ferroviaria de Esportes tentará trazer à Araraquara, no proximo dia 22 do corrente, o "esquadrão" do C.A. Linense.

● O E.C. XV de Novembro de Piracicaba deverá jogar dia 12, em Araraquara contra a Associação Desportiva Araraquara.

● O concurso "Qual é o clube de futebol mais querdio" apresentou no seu final o seguinte resultado: 1.o lugar, Associação Desportiva Araraquara (A.D.A.), 24.371 votos; 2.o, Associação Ferroviaria de Esportes (A.F.E.), 19.941; 3.o, Paulista F.C. (Licenciado), 530; C.A. Sete de Setembro, 408 e 5.o E.C. Departamento de Estradas de Rodagem, 97 votos. Esse concurso foi realizado na cidade de Araraquara.

● A A.A. Francana extinguiu o seu Departamento Profissional, todavia disputará o campeonato da 2.a divisão de profissionais com uma equipe formada por amadores.

● O Canto do Rio F.C. jogará na cidade de Araraquara dia 29, enfrentando na "Morada do Sol" o onze da Associação Desportiva Araraquara.

● Os tecnicos dos clubes profissionais de Araraquara são os seguintes: José de Andrade (A.D.A.); Zezinho (A.F.E.) e Domingos Spagaro (E.C.D.E.R.).

● O atacante Luis Marini foi cedido por emprestimo ao Bandeirantes F.C. de Birigui. Assim, o ex-defensor do S. Paulo F.C. tentará sorte no Interior.

● O ex-centro avante, Miranda, da Associação Ferroviaria de Esportes, da cidade de Araraquara, foi contratado pelo Bauru Atletico Clube.

● O ponta esquerda Rovai está em experiencias na Associação Desportiva Araraquara.

● Serão experimentados brevemente pela Desportiva de Araraquara os jogadores Diogo e Arnaldo, respectivamente do Santos F.C. e da A. Portuguesa de Desportos.

● A reportagem foi informada que o ponta 109 foi oferecido por emprestimo à Associação Desportiva Araraquara.

ESTAMOS PROXIMOS...

O Campeonato da Segunda Divisão de Profissionais terá inicio provavelmente no proximo mês e vem sendo aguardado com grande interesse. Para alguns clubes constituirá a arrancada em busca do titulo. Todos os quadros estão dispostos a tudo, para alcançar o seu objetivo. Nunca vimos tanto interesse por parte das agremiações como este ano. Pelo que têm feito, oito clubes merecem nossa atenção. São oito agremiações lutando por apenas um lugar.

Acreditamos que os clubes que têm possibilidades de alcançar o titulo tudo farão para que seu quadro seja o representante do Interior no Campeonato Paulista de 53. Este ano, mais que nos anos anos anteriores, o "pega" será impressionante.

Luta dificil e que exigirá por parte da F. P. F. um cuidado ainda maior, além daquele que até hoje vinha sendo adotado. Sim, porque os clubes que se apresentam como "possiveis" finalistas possuem tudo para vencer. São representantes de grandes cidades, suas equipes têm tradições e seus quadros de futebol estão magnificamente preparados. Cumpre ainda ressaltar que todos estão dispostos a gastar... para reforçar ainda mais suas fileiras com novos elementos. Assim, a arrancada em busca do titulo será grande e que no seu final dará a recompensa merecida a alguns concorrentes. Daqueles oito clubes por nós apontados, seis concorrentes estão com maiores possibilidades: Linense, Botafogo, S. Bento, São Paulo, Internacional e Bauru, são os "favoritos" da torcida. Destes sairá provavelmente, um que representará o interior na Divisão Principal. Os dois clubes restantes, que irão fazer companhia aos seis mencionados no final do campeonato, ainda representam uma incognita, muito embora a esta altura devam estar bem melhores que no inicio do ano. Pode ser que ainda venham ocorrer possiveis surpresas. Nada é dificil. Poderemos estar errados nestes prognosticos. Todavia, pelo que os clubes têm feito nestes ultimos meses, somos forçados a lançar mão daqueles gremios como os que reunem maiores possibilidades. Tudo enfim é possivel. Vamos aguardar o campeonato, para então confirmar...

Em evidencia

PANADEIRO

O ponta esquerda do Uchoa, Panadeiro, continua jogando bem. Esse elemento que se revelou no gremio de Uchoa em 50, quando o seu clube disputou o Torneio dos Finalistas, e que em 51 não conseguiu nunca render o que dele esperavam os dirigentes, este ano está novamente em grande forma. Assim, nos ultimos jogos do Uchoa, tem primado pela regularidade. Um indice dos melhores e que certamente servirá para aumentar o seu moral para o campeonato. Seu nome está novamente no cartaz.

Pior em campo

DIOGENES

O medio direito do Botafogo, de Ribeirão Preto, sempre foi elemento de proa em seu clube. E' um valor eficiente. O que ele fez e continua fazendo em defesa de suas cores, muito poucos jogadores tiveram oportunidade de realizar. Todavia, no prelio frente ao São Paulo, não reeditou suas melhores jornadas, falhando consecutivamente. Não marcou em cima, dando aso a que ao adversario de pôr em panico por varias vezes a meta do seu clube. Andou ainda dando alguns passes erraddos, propiciando sempre, à intermediaria do São Paulo, desfazer tudo. Talvez, não estivesse em dia favoravel, mas pode ser apontado como o elemento mais fraco da intermediaria do Botafogo. Nascimento seguiu-lhe os passos, com atuação bastante irregular. Itamar, o veterano medio, foi o unico que se salvou da debacle da intermediaria.

DESFILE DE ASTROS DA TEMPORADA

Embora ainda não tenha começado a temporada oficial de 1952, com a disputa do certame estadual, já varios nomes monopolizam a atenção da torcida, fazendo prever que, para o campeonato, se constituirão em autenticas atrações. Uns na Europa, com o Corintians, outros com o Palmeiras nas Americas, outros ainda no Chile, com a seleção do Brasil ou no Maracanã, com a seleção paulista, são os que mais se comentam, figurando, qualquer que seja o seu quadro, numa moldura artistica de grande nivel tecnico. Com o alvi-negro, por exemplo, Claudio continua sendo o timoneiro do conjunto. Não perdeu a regularidade adquirida desde que forma ala com Luizinho. Quando muito, em anos e anos de atividade seguida, deixou a desejar em uma ou duas partidas, o que bem atesta a sua confecção esmerada. É o mesmo Claudio idolo que levou o Corintians ao campeonato e que se tornou num patrimonio inalienavel do clube. Superando Luizinho, há Murilo como a segunda grande expressão do quadro. Enfrentando e vencendo um periodo negro, com a sobranceria com que poucos poderiam fazê-lo, o zagueiro mineiro, não só aqui, como em Minas, é um profissional apontado como o exemplo mais dignificante de sua classe.

Em Belo Horizonte, os atleticanos e os fans em geral, não conseguem esquecer a grande figura cavalheiresca e tecnica que é Murilo. Deixará saudades eternas, quando for superado pelo tempo e tiver pendurado as chuteiras. Integrando o Palmeiras, seja no Mexico, na Guatemala ou Costa Rica, Jair revive um de seus maiores periodos. Volta a figurar com justiça neste quadro dos maiores, já que nunca deixou de ser grande. Jair reune em si todas as virtudes magnificas dos meias brasileiros. Malabarista, cerebral, grande chutador, sobrepos-se ao fisico franzino e superou o tempo, deixando para trás muitos que brilharam depois que ele já era veterano. O seu companheiro de ala, Rodrigues, defendeu aqui o prestigio do setor palmeirense. Ficou dividido o seu poderio conjuntivo, para o bem do Palmeiras e da seleção paulista (não se esquecendo ainda a brasileira, no Chile.) O meia excursionou, continuando a ser a mola mestra do quadro. O ponteiro ficou e alcançou, neste inicio de 1952, a um plano que jamais alcançara em sua longa e brilhante carreira. O Rodrigues, chutador, o Rodrigues francamente finalizador, cedeu o lugar ao Rodrigues completo, que arma, orienta e finaliza com a mesma facilidade.

Helvio tambem nunca foi tão grande. No Fluminense, tivera, sem duvida, bons momentos. Mas foi no Santos e na seleção paulista que encontrou o ambiente que o laureasse. A sua regularidade no conjunto santista foi um verdadeiro fenomeno, o que lhe propiciou a convocação. E competindo com um zagueiro do porte de Mauro, sobrepujou-o e foi dos herois que, no Maracanã, depois de 10 anos, trouxe o titulo de volta para São Paulo. Não poderia ser mais autentico o salvo-conduto para a posterioridade. E o que se dizer da dupla da Portuguesa de Desportos, Santos e Brandãozinho?

Santos jamais estivera nas cogitações de Flavio Costa. Para o "vitalicio", por certo seria uma temeridade, lançar um jogador que era praticamente desconhecido do publico carioca. Mas o Rio-São Paulo abriu os olhos de Zezé Moreira. Mentalidade progressista, Zezé Moreira sentiu todo o peso da injustiça que até então se fizera a Santos. Convocou-o e mais Brandãozinho. E ganhou uma grande dupla. A dupla que conseguiu fazer com que o seu combatido "ferrolho" levantasse o Panamericano. Como deve ter lamentado, tê-los no lado contrario, no campeonato brasileiro! E Baltazar? Qual não foi a odisséia de Baltazar, para chegar a seleção! Assombrava em São Paulo. Era o coqueluche de milhares de torcedores, o idolo dos que encaravam o futebol como o jogo dos azougues, da fibra, do "peito", da astucia. Mas Flavio queria jogadores "macios." Chegou ao cumulo de preteri-lo a Otavio, que, evidentemente, estava deslocado no centro da ofensiva. Baltazar a tudo observava. E não fosse o acaso, ou melhor, a tabela do Rio-São Paulo estipular o encontro Corintians e Fluminense como dos ultimos, já proximo ao Panamericano e Baltazar talvez ainda desta feita, estivesse amargurando um esquecimento injusto e mesmo criminoso.

E na certa, a mesma desculpa que foi "arranjada" para protelar o aproveitamento de Baltazar, Santos, Brandãozinho, seria encontrada para "encostar" Julinho. Mas a estrela paulista está brilhando demasiado, neste 1952, para ser ofuscada por simples pontos de vistas pessoais. E assim Julinho adquiriu o plano de relevancia que justamente merece. Mais um cartaz para a galeria de astros de 1952.

RESULTADOS DAQUI E DE FORA

SÃO PAULO — Port. Desportos 4 vs. Vasco da Gama 2.

CAMPINAS — Ponte Preta 0 vs. Sanjoanense 0.

RIBEIRÃO PRETO — São Paulo 2 vs. Botafogo 0.

PIRACICOBA — XV de Piracicaba 3 vs. XV de Jaú 2.

ARAÇATUBA — Nacional 0 vs. São Paulo 0.

BIRIGUI — Bandeirantes 2 vs. Guarani 1.

CATANDUVA — Juventus 2 vs. Cidade Feitiço 2.

MARILIA — São Bento 4 vs. Bauru 0.

BEBEDOURO — Internacional 3 vs. A.D.A. 0.

INDAIATUBA — Port. Santista 4 vs. Primavera 1.

SÃO JOSE' DO RIO PARDO — America 1 vs. Ferroviaria 1.

BOTUCATU — Canto do Rio 4 vs. Ferroviaria 3.

ARARAQUARA — D. E. R. vs. Velo Clube 0.

RECIFE — Auto Esporte 3 vs. Santa Cruz 1.

JUIZ DE FORA — Botafogo (Rio) 2 vs. Tupi 1.

CURITIBA — Ferroviario 4 vs. Cambarense 2.

BELO HORIZONTE — Bangu 7 vs. Vila Nova 2.

COSTA RICA — Palmeiras 2 vs. Sáprissa 1.

URUGUAI — Penarol 4 vs. Sudamerica 1; Nacional 9 vs. Central 1; Danubio 5 vs. Cerro 2; Fenix 1 vs. River Plate 0; Rampla Juniors 6 vs. Wanderes 2; Defensor 3 vs. Liverpool 2.

PORTUGAL — Benfica 5 vs. Sporting 4.

ARGENTINA — River 2 vs. Chacaritas 0; Bandfield 2 vs. Huracan 2; Lanus 3 vs. Independiente 2; Estudiantes 2 vs. Boca Juniors 0; Atalanta 2 vs. Racing 2; San Lorenzo 3 vs. Rosario 0; Velez 2 vs. Platense 2; Newell's 0 vs. Ferro Carril 0.

ITALIA — Atalanta 5 vs. Torino 0; Florença 0 vs. Lazio 0; Internacional 2 vs. Bologna 2; Juventus 0 vs. Como 0; Legnano 3 vs. Napoles 2; Novara 3 vs. Pro Patria 0; Palermo 3 vs. Lucchese 1; Spal 1 vs. Padua 1; Trieste 1 vs. Milan 1; Udinese 2 vs. Sampdoria 0.

VINTE MIL CRUZEIROS

Resultados normais, porem ninguem acerto u todos – Inumeros votantes acharam que o Palmeiras golearia em Costa Rica – Mais votos tambem para a vitoria do Botafogo sobre o São Paulo – Fatores que não influiram e o tricolor venceu – Aumentou o numero de votos – Novo recorde semanal – Só o leitor Julian Palma remeteu 1.183 votos – O novo cupão – Sete jogos, mas leiam as instruções – Urnas na redação, no bar Juca Pato, balcão da "Placo" protetor plastico para documentos e no restaurante e confeitaria Tiradentes – Esta semana provavelmente outra urna à disposição dos leitores

Os resultados de todos os jogos foram relativamente normais. O escore que a Portuguesa obteve frente ao Vasco, por exemplo, teve inumeros acertadores, que fracassaram porém na peleja entre o Palmeiras e o Saprissa, da Costa Rica. 5 a 1 e 4 1 foram encontrados aos montes, quando o clube costarriquenho fez força porque contou com inumeros desfalques no onze palmeirense. O resultado foi um parco 2 a 1.

O São Paulo é que, jogando em Ribeirão Preto, enganou muita gente. E' verdade que encontramos inumeros Cupões favoraveis aos tricolores, mas a maioria dava a vitoria para o Botafogo. Certamente levaram em consideração os fatores campo e torcida, que, no interior, pesam na balança efetivamente. Assim, os leitores acertavam naquele escore, perdiam neste e quando acertavam neste, perdiam naquele. Isto quer dizer que o premio agora chegou a VINTE MIL CRUZEIROS, enquanto sobe de semana a semana, na proporção direta do aumento do premio, a remessa de votos pelos leitores. A desta semana, novamente, ultrapassou a da anterior. Basta citar que somente o sr. JULIAN PALMA, morador à Avenida Mexiana, 3-A, nesta Capital, remeteu 1.183 votos, batendo todos os recordes em todas as ocasiões. E, acrescente-se, esses 1.183 votos se destinam a Baltazar, no Concurso destinado a apurar qual o maior craque de 52. O nosso amigo andou beirando em varios Cupões, o mesmo se dando com Ernesto Guedes Filho, morador à rua Cel. Diogo, 1.428.

Como sempre o fazemos, publicamos hoje o novo Cupão, do qual constam sete jogos. Apesar dos esclarecimentos constantes do Cupão, confirmamos aqui o seguinte: America vs. Atletico, são clubes de Minas Gerais; o Fluminense do Rio enfrentará o Cruzeiro, de Belo Horizonte, enquanto os adversarios do São Paulo e do Guarani, são respectivamente, Corintians de Santo André e America de São José do Rio Preto. O Flamengo deverá jogar com uma seleção colombiana, prelio aliás transferido de quinta-feira para domingo, em virtude de contusões em craques brasileiros.

As urnas permanecem nos mesmos locais, ou sejam:

— Redação, rua Felipe de Oliveira n. 36, terreo, com encerramento sabado, dia 21, às 12 horas;

— Bar Juca Pato, no largo do Paisandu, balcão do "PLACO" Protetor Plastico para Documentos, com encerramento sabado às 20 horas;

— Restaurante e Confeitaria TIRADENTES, à av. Celso Garcia, 390, que tambem encerrar-se-á no sabado às 20 horas.

Ainda esta semana pretendemos colocar outra urna à disposição, dos leitores provavelmente no populoso bairro de Santana. Na edição de sexta-feira daremos mais detalhes.

NICOLA GALUCCI

PARAFUSOS EM GERAL. Rawlplug, Rebites, Porcas Borboletas de ferro e latão, Arruelas simples e de pressão. Pregos, Polias, Eixos de transmissão Ferro laminado, Arame preto e galvanizado — VALVULAS E CONEXÕES WALWORTH. Gachetas, Papelão, Amianto. Brocas, Limas, Lixas, Serras circulares e de fita, para Metais e Madeiras, Talhas, Ferragens e Ferramentas em geral R. FLORENCIO DE ABREU, 334-338 - Tel.: 3-4108 (R. interna) Caixa Postal, 5166 — End. Telegr.: "Pregopar" — S. PAULO

C U P Ã O

RODADA DE 22.6.1952

AMERICA	VS.	ATLETICO . . . . .
CRUZEIRO	VS.	FLUMINENSE . . . .
CORINTIANS . . .	VS.	S. PAULO . . . . .
AMERICA	VS.	GUARANI . . . . .
RACING	VS.	SAN LORENZO . . .
BOCA JUNIORS . .	VS.	VELEZ . . . . .
COLOMBIANOS . .	VS.	FLAMENGO . . . . .

QUAL O MAIOR CRAQUE DE 52? ....

(Nome do jogador)

....

NOME ....
(Bem legivel)

ENDEREÇO ....
(Rua e Numero)

LOCALIDADE ....

NOTA — Os dois primeiros jogos são do Quadrangular de Belo Horizone. O Fluminense é do Rio e os demais são clubes mineiros. O adversario do São Paulo é o Corintians de Santo André, enquanto o Guarani enfrentará o America de S. José do Rio Preto.

ARREDONDADO O PREMIO!

20.000 cruzeiros para esta semana. [illegible] que o futebol [illegible]. Dezenas de leitores quase acertaram todos os resultados. Parece estar chegando a hora do concurso. Só um mandou mil e tantos cupões. Estamos providenciando a instalação de mais uma urna em Santana. Mas, ainda nesta semana, os interessados devem procurar o café Juca Pato, balcão do Placo, o restaurante Tiradentes, à avenida Celso Garcia, ou a nossa redação, rua Felipe de Oliveira, 30, para colocar os cupões nas urnas.



BAUER

FOI OPERADO POR UM BOM MEDICO

HA ES[illegible]ANÇAS DE QUE [illegible] FIQUE INUTILIZA[illegible] PARA O FUT[illegible]

CHEGA DE AMISTOSOS! É HORA DO CAMPEONATO